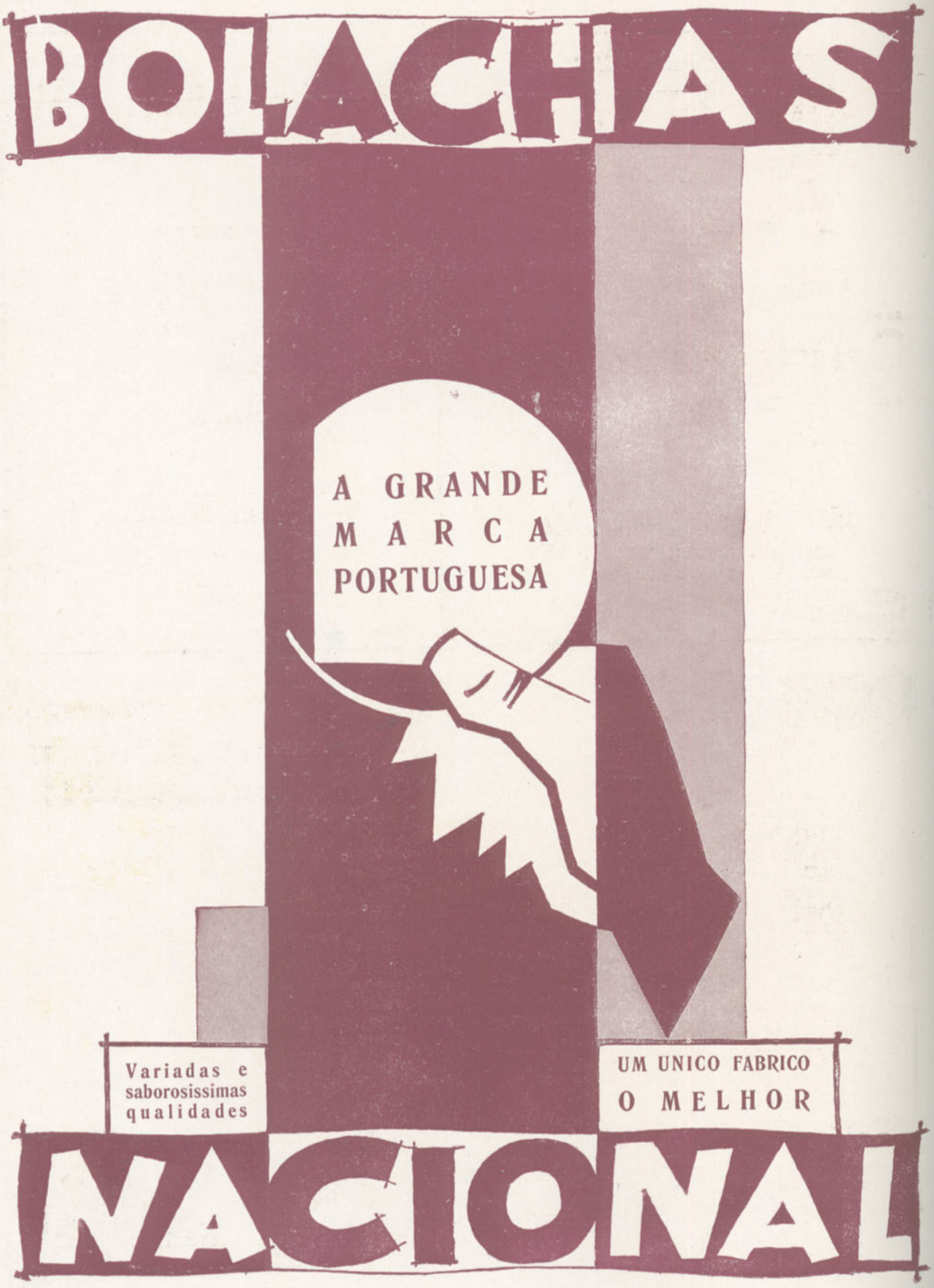
ILUSTRAÇÃO


BOLACHAS
A GRANDE
MARCA
PORTUGUESA
Variadas e
saborosissimas
qualidades
UM UNICO FABRICO
O MELHOR
NACIONAL

Contra

todas as dôres

não ha remedio de acção tão rapida como os comprimidos de

CAFIASPIRINA

Os seus efeitos são tambem insuperaveis nas nevralgias, dôres de dentes e de ouvidos, nas enxaquecas, assim como tambem nos incomodos periodicos das Senhoras.

Alivia o cerebro, aumenta o bem estar e não ataca o coração nem os rins.

Á venda em todas as farmacias.

PORTO-CÁLEM

A marca de garantia para vinho do Porto

A. A. Cálem & Fílho, L.da

Casa fundada em 1859

PORTO

(Legitimo W. B. W. Alemanha)

Unico hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

Galeria de Paris, 42. — Porto

Depositarios em Lisboa: S. Ramos Lda.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Lingua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**

Pedidos à

Livraria BERTRAND

73, Rua-Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca Infantil

Série A (Leitura para crianças até aos 7 anos).
Série B (Leitura para crianças dos 7 aos 10 anos).
Série C (Leituras para crianças dos 10 anos em diante).

CADA VOLUME, BROCH., **7$00**
COM ENCADERNAÇÃO ESPECIAL, MAIS **4$00**

SÉRIE B

N.º 1 — **Na terra e no mar,** por *António Sérgio*, desenhos de Raquel Roque Gameiro Ottolini.

N.º 2 — **Bonecos falantes,** por *Carlos Selvagem*, desenhos de Mamia Roque Gameiro.

N.º 3 — **Contos gregos,** por *António Sérgio*, desenhos de Raquel Roque Gameiro Ottolini.

N.º 4 — **O que canta o pintasilgo,** por *Jane Bensaúde* e *Agostinho de Campos*, desenhos de Raquel Roque Gameiro Ottolini e Emmerico Nunes.

SÉRIE C

N.ºs 1 e 2 — **O romance da raposa,** por *Aquilino Ribeiro*, desenhos de Benjamin Rabier.

N.º 3 — **O romance das ilhas encantadas,** por *Jaime Cortesão*, desenhos de Roque Gameiro.

Um conto do Natal, texto e ilustrações por *Meneses Ferreira*.

1 VOL. COM CAPA ILUSTRADA, **6$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

FOTO NOTICIAS

ATELIER

Providos das mais modernas máquinas

FOTO GRAVURAS
FOTO-ZINCO-GRAVURA
TRICROMIAS
DESENHO
GRAVURA EM COBRE

RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

ENCOMENDAS:
Filial do DIARIO DE NOTICIAS
L. Trindade Coelho, 11

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

Executam-se
em todos os generos

Rapidez e perfeição

Empreza Nacional de Publicidade

Rua Diário de Notícias, 78

Um horoscopo ditoso

— O senhor vai ser infeliz no casamento até aos trinta anos.
— E depois?
— Depois... habitua-se.

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig*, *Cantani* e *Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O)
por Dr. Augusto de Castro . . . . 15$00

Art.º 438.º (O)
por D. Carmen de Burgos, tradução de Lopes de Sousa . . . . 3$00

Cinco Mil Francos por Mês
por Reinaldo Ferreira. . . . . 3$00

Colecção "Diário de Notícias"
por diversos autores. . . . . 7$50

Drama na Sombra (O)
por Ferreira de Castro . . . . . 3$00

Ele e Eu
por Augusto Pinto. . . . . 5$00

Fumo dos Casais
por D. Maria da Nobrega . . . . . 10$00

Homem dos Dois Corações (O)
por Rocha Martins . . . . . 3$00

Matou por Amor (A que)
por D. Emília de Sousa Costa . . . 3$00

Minha Mulher
por W. Fernandes Flores. . . . . 3$00

Mort de D. Juan (La)
por Paulo Osório . . . . . 8$00

Noite de Núpcias
por Lourenço Cayola . . . . . 3$00

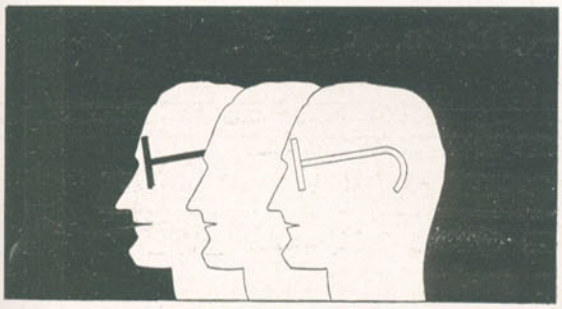
Ruínas
por D. Helena de Aragão. . . . . 8$00

Sombras e Claridades
por D. Helena de Aragão. . . . . 8$00

Veneno do Sol (O)
por D. Fernanda de Castro. . . . . 10$00

À venda na filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11



BERTRAND IRMÃOS, L.da
GRAVADORES IMPRESSORES
T. CONDESSA DO RIO-27

— A senhora deve ficar com êste vestido. A côr diz muito bem com a sua palidez.
— Não, eu não sou pálida... Empalideci ao ouvir o preço...

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 VOLUME DE 264 PÁGINAS., BROCHADO, **10$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

CONCURSO DA FOSFOREIRA PORTUGUESA

200 CONTOS

de prémios em sorteios contínuos

(pela última lotaria de cada mês)

Relogios **Zenith** de ouro, prata e plaquet — Maquinas de costura **Singer** — Aparelhos de T. S. F. da casa Audak — Bicicletas **Raleigh** — Gramofones **Columbia** — Serviços de jantar e chá (novidades da Fabrica de Sacavem) — Talheres — Cordões de ouro — Maquinas fotograficas **Kodak e Zeiss** — Cigarreiras — Tabaqueiras — Boquilhas — Maquinas de afiar laminas **Servus** — Laminas **Double six** — Perfumes — Meias de seda — Canivetes — Tabaco, etc.

Guardem 100 etiquetas das marcas:
PORTUGUESES — FAMILIA — ANTONINHOS e VENCEDORES
de cera e madeira pelas quais vos será fornecida uma senha

No 1.º Sorteio de 31 de Outubro foram distribuidos 363 prémios

Próximo sorteio pela lotaria de 28 de Novembro

EM LISBOA: Rua Augusta, 280, 2.º — **NO PORTO:** Avenida dos Aliados, 9, 1.º
e na provincia: Nos agentes da Companhia em todos os concelhos

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

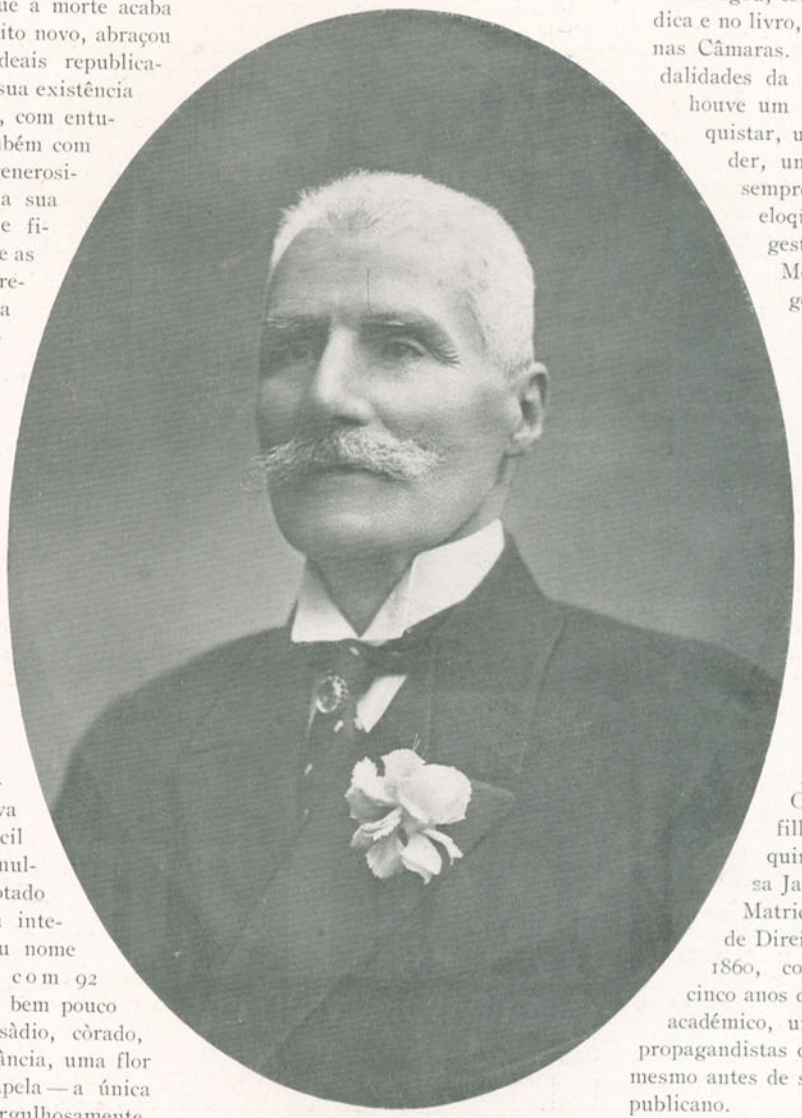
PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

A PERDA DE UM GRANDE CIDADÃO

DR. JOSÉ JACINTO NUNES

Se Plutarco fôsse da nossa terra e dêste nosso tempo, devia caber-lhe a missão de traçar o elogio fúnebre, a biografia cívica dêste prestigioso vulto da democracia portuguesa que a morte acaba de derrubar. Desde muito novo, abraçou apaixonadamente os ideais republicanos, pelos quais tôda a sua existência pugnou com abnegação, com entusiasmo e com fé, e também com uma gentileza e uma generosidade que extremaram a sua figura, atribuindo-lhe fidalga tolerância, de entre as fileiras dos políticos do regime. Porque, mercê da sua impecável correcção de maneiras, da austeridade de que revestiu todos os seus actos, da lealdade com que terçou armas com os seus adversários, até mesmo dêstes concitou sempre a melhor estima e o mais elevado respeito.

Não foi, de modo algum, uma figura banal. Quando em Lisboa, nesta Lisboa «de muitas e desvairadas gentes», como já em séculos idos a considerava Fernão Lopes, onde difícil é alcançar relêvo entre a multidão, aqui mesmo era notado nas ruas, apontado com interêsse, pronunciado o seu nome carinhosamente. Morreu com 92 anos; e, contudo, até há bem pouco víamo-lo desempenado, sàdio, còrado, trajando com sóbria elegância, uma flor sempre fresca na sua lapela — a única venera que ostentou, orgulhosamente, sôbre o peito! Apenas os cabelos, já muito alvos, lhe denunciavam a idade provecta. No resto, na firmeza do seu passo, no seu ar risonho, na sua conversa viva, na ironia do seu comentário, era um perfeito rapaz. A sua vitalidade prolongava-se prodigiosamente, tornava-o insinuante como poucos homens novos. E o seu aprumo exterior reflectia o do seu carácter. Um e outro rimavam, sem a menor dissonância. Por isso, não deve ter deixado um ódio sequer. Decerto só as saüdades juncam hoje o rastro límpido que deixou na vida.



Advogou, escreveu na imprensa periódica e no livro, foi representante do povo nas Câmaras. Em qualquer dessas modalidades da sua fecunda acção, onde houve um interêsse colectivo a conquistar, uma causa nobre a defender, uma iniquidade a reparar, sempre a sua voz, forte e duma eloqüência simples mas sugestiva, se fêz ouvir.

Modesto e justo, sincero e gentil, foi, em suma, um homem de bem, um cidadão modelar, um liberal convicto. Pequena biografia, esta — dir-se-á. Sim, no número de palavras; enorme, porém, em profundeza do seu significado: porque atestam no dr. Jacinto Nunes um varão à maneira dos que Plutarco biografou.

*

O sr. dr. Jacinto Nunes nasceu em Pedrógão Grande, em 25 de Outubro de 1839, e era filho do sr. António Joaquim Nunes e da sr.ª D. Rosa Jacinta das Neves Nunes. Matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade, em 1860, concluindo a formatura cinco anos depois, tendo sido, como académico, um dos mais esforçados propagandistas da Revolução Francesa, mesmo antes de se filiar no Partido Republicano.

Em 1870, apresentou a sua candidatura pelo círculo de Setúbal, e, mais tarde, por acumulação de votos, nas eleições de 1884, mas só entrou no Parlamento em 1893.

Crónica da Quinzena

O ARMISTICIO E A PAZ

Todos estavam fartos da guerra, todos ansiavam pela paz — os que já se sentiam derrotados e os que ainda contavam com a vitória.

Wilson preconisara um fim da guerra sem vencidos nem vencedores, como se ela nada mais fôsse que um jôgo de xadrez, nenhum dos jogadores tendo superioridade sôbre o outro, resultando daí ficar o jôgo empatado. Era uma aspiração generosa, mas não era um pensamento político; era uma sugestão de filósofo idealista, mas não era um alvitre de verdadeiro homem de Estado. Terminar a guerra sem vencidos nem vencedores, era adiar para ocasião mais oportuna a resolução do conflito que atirara para os campos de batalha milhões de homens armados, perturbando gravemente a vida de tôdas as Nações. Assim o entenderam todos os beligerantes, os de cá e os de além dos mares, sem exclusão dos compatriotas de Wilson, que não insistiu na sua fórmula e proclamou os seus mandamentos — tantos como as obras de Misericórdia.

Porque todos estavam fartos da guerra, porque todos anciavam pela paz, o armistício encontrou da parte de todos um acolhimento favorável e entusiástico. Era o fim da guerra!

A Alemanha confessava-se vencida, incapaz de prolongar a luta, já falha de todos os recursos, o seu Exército desmoralizado e todo o povo alemão, mais de sessenta milhões de almas,, vergando ao pêso da miséria. Em tempos de mais cavalheirismo guerreiro, ela teria procurado, num lance decisivo, numa batalha em que empenhasse tôdas as suas fôrças, todos os seus elementos de combate, uma vitória milagrosa ou a derrota estrondosa e sem remédio — um Waterloo sem Napoleão, o mais prodigioso cabo de guerra dos tempos antigos e modernos.

Sôbre a França carregara o maior pêso da guerra; pode dizer-se que em dado momento, na fase inicial da luta, todo o pêso da guerra foi a França que o aguentou, apenas auxiliada pela Bélgica, duma heroicidade lendária. Contra a França, marchando pelo caminho mais curto, é que a Alemanha lançara os seus Exércitos, com destino a Paris, o imperador Guilherme a vêr-se já em Versailles, ditando as condições duma paz leonina, uma paz que reduza a Nação francesa a uma potência de segunda ou terceira ordem.

Ao Exército francês era devida a satisfação de entrar na Alemanha, avançar até Berlim, sem deixar ruínas pelo caminho, e ali, guarnecendo a cidade até que os plenipotenciários ajustassem a paz, instalados em Potsdam, residência dos Imperadores. E assim teria sucedido, porque era justo e era legítimo que assim sucedesse, se a França, com respeito ao armistício, tivesse de resolver por si só. No jôgo da guerra a França entrara fazendo *uma vaca* com a Inglaterra, a América, a Itália, o Japão, a Bélgica e a Sérvia, além dos pequeninos, como nós, que também quiseram molhar a sua sopa.

Tudo foi bem, enquanto se tratou de combater, sendo admirável que se conseguisse enfeixar o comando de tantas fôrças diversas nas mãos dum chefe único, sem que surgissem rivalidades e despeitos que inutilizassem ou apoucassem essa medida de salvação. Mas chegou a hora de estabelecer as condições da paz, a hora de partilhar os proveitos e as glórias da vitória, adoptando ao mesmo tempo medidas eficazes para que a paz fôsse assegurada — uma verdadeira paz octaviana.

Então é que foram elas!

Fôra muito fácil à Alemanha, em 70, fixar a indemnisação de guerra que a França tinha a dar-lhe, em dinheiro, e facílimo amputar-lhe, em seu exclusivo proveito, duas Províncias, tirando daí vantagens políticas e económicas. Bismarck fixou essa indemnização em cinco biliões de francos, equivalentes, ao tempo, a novecentos mil contos da nossa moeda. Calculou que ela não poderia, de pronto, pagar tão avultada quantia, e até que a pagasse a Alemanha manteria em Paris um Exército de ocupação... à custa da França, está bem de vêr. Acabaria por pagar, mas enfraquecida por tão brutal sangria, tarde ou nunca levantaria a cabeça, arruinada financeiramente, e não podendo acudir à sua economia em termos de evitar a miséria.

Enganou-se redonda e grosseiramente o Chanceler, pois a França, quási de um dia para o outro, entregou os cinco biliões de indemnização e, sem perda de tempo, acudiu ao seu apetrechamento económico, como se a sangria, em vez de a anemiar, a fortificasse. Quando de tal se apercebeu, Bismarck entrou numa fúria de mastim raivoso, e por um triz não declara novamente guerra à França, em 1875, só não se consumando êsse crime graças à intervenção amigável da Rússia, segundo uns, da Inglaterra, segundo outros, sendo da opinião dos primeiros o sr. Ernesto Diniz, professor que foi da Sorbonne.

Foi muito difícil aos plenipotenciários de Versailles, em 1919, porem-se de acôrdo quanto à redacção definitiva do *Tratado da Paz*, que alguém, com muito espírito e muita razão, disse que era o pior livro publicado naquele ano, em França, e sabe tôda a gente que a produção livresca, em França, é abundante e não é selecta.

Um século antes, mais ano menos ano, reünira em Viena um Congresso semelhante ao de Versailles, o qual ficou registado na História por marcar um momento notável nos domínios da Política e do Direito Internacional.

Então, ainda o chamado *Equilíbrio Europeu* era a preocupação máxima, pelo menos aparente, dos Plenipotenciários que se reüniam em Assembleia para definirem e estabelecerem os fundamentos jurídicos da paz, uma paz que não fôsse uma velada de armas de mais ou menos longa duração.

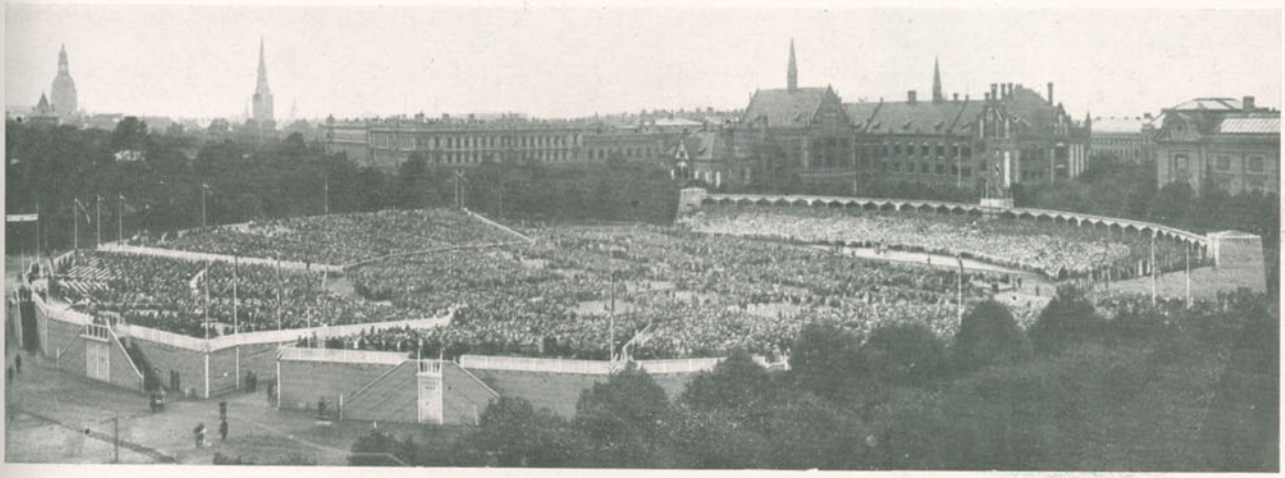
Era necessário dar estabilidade ao sistema político da Europa, duma notável instabilidade, e com êsse propósito se criou, aí pelos meados do século XVII, o artifício político chamado Equilíbrio Europeu, acabava de vez essa formidável luta chamada a guerra dos Trinta Anos.

A partir dêsse momento, o *Equilíbrio Europeu* foi o pretexto ou a razão dos grandes conflitos que têm lançado umas contra as outras as Nações da Europa, a justificação dos maiores erros e dos maiores crimes cometidos pelos Estados a tratarem da paz, mal extinto o fragor das batalhas. A Polónia, dividida em três bocados, um para a Rússia, outro para a Áustria, outro para a Prússia, foi uma das vítimas, e das mais simpáticas, do Equilíbrio Europeu, de cada vez mais instável.

Os plenipotenciários de Versailles, em 1919 — já não tiveram que se preocupar exclusivamente com o Equilíbrio Europeu, porque o Equilíbrio Mundial se impunha à sua consideração. Todos os Continentes tinham entrado na guerra; todos tinham adqüirido direitos e contraído obrigações. Estabelecera-se, entre as Nações beligerantes, um sistema de relações políticas e económicas que é necessário manter por cima das fronteiras continentais para que um choque de interesses não degenere em conflito.

Em Versailles, contràriamente ao que se pretendia, não se lançaram os alicerces firmes de uma paz duradoura; estabeleceram-se as condições dum armistício prolongado — dando tempo a que todos se preparem para nova assembleia geral de pancadaria. Todos os que querem a paz se preparam para a guerra, em obediência servil a um velho preceito latino, que só é verdadeiro... virado do avêsso.

Brito Camacho.



PELA VELHA RUSSIA

COSTUMES DA LETONIA

A CORÔA DE ARANDO

QUALQUER das três repúblicas *post-guerra* — Lituânia, Letónia e Estónia — conserva ainda reminiscências dos seus formosos trajos.

Na Letónia, principalmente, é curioso observar-se, em dias de festa, os habitantes das vilas e aldeias próximas da cidade de Riga, vestidos e engalanados com os seus ricos trajos regionais.

O branco, vermelho e doirado são as três côres mais aplicadas.

As mulheres trazem na cabeça fitas com ricos bordados a matiz ou corôas, cujas fôrmas em arame estão cobertas com tecidos de igual valor.

Alguns trajos são compostos de sáia de seda, com riscas brancas e vermelhas; blusa branca e uma capa de côr igual com lindos bordados. Outros há constituídos por sáia e colete em azul-escuro e blusa branca com lindos desenhos bordados. Em qualquer deles é uso um medalhão grande, artìsticamente cinzelado.

Os fatos, nos homens, variam, sendo os de alguns também bordados.

*
* *

Não devemos esquecer que na Letónia existe, da antigüidade, mais de duas mil melodias e canções populares.

Tôdas elas são simples e agradáveis, embora algumas vezes monótonas.

As actuais, porém, baseiam-se na música contemporânea.

De casal em casal, de choupana em choupana, as canções cruzam-se, de facto, e quando se dá uma festa como, por exemplo, a de S. João, reünem-se os amigos dispersos, fazem-se rodas, organizam-se grupos e todo o campo dansa e canta.

NOIVOS COM AS CORÔAS DE ARANDO. — EM CIMA: ASPECTO DUMA GRANDE AUDIÇÃO CORAL QUE O POVO DAS ALDEIAS FOI REALIZAR À CIDADE DE RIGA

E êstes grupos, com a nostalgia das suas canções, descem até à cidade e aí, então, num recinto devida e prèviamente disposto, numa grande praça e diante de uma multidão enorme que se comprime e disputa o melhor lugar, fazem-se ouvir proporcionando um óptimo, maravilhoso e artístico concêrto vocal e musical.

O espírito musical letão foi educado pelos estudos e pela vida solitária nas extensas planícies, sob um céu pouco azul.

Quatro anos depois da guerra mundial, os letões poderam fazer reviver uma das suas mais queridas tradições: a festa coral, em Riga. Uma que, nesta cidade, se realizou em 1912, reüniu mais de dez mil cantores, vindos de várias cidades e aldeias.

Quando, ao som de um órgão enorme, entoaram o hino nacional, tôda a assistência deixou que as lágrimas lhes rolassem pela face.

Assisti à festa que ùltimamente ali se efectuou. A beleza do espectáculo, daquelas dezenas de milhar de pessoas e o esplendor artístico duma tal manifestação, na qual participavam cento e sessenta e dois coros, não tem descrição possível. Se, por uma fatalidade, o povo letão perdesse os seus direitos depressa os readquiria pelo canto.

Guardas e testemunhos da unidade nacional são êles, os cantores, que, moralmente, unem a geração do passado com a actual e que de Riga a Dangavpils e de Liepaja a Ainaji fazem vibrar as almas, em conjunto.

Os compositores, dêste país, possuem, com as suas canções, um extraordinário tesouro. Fazem melodias com tal ritmo que ràpidamente se apoderam e comovem a alma popular. E... são assim, cheias de sentimento e nostalgia, as grandes festas do povo letão.

*
* *

Os cantos ou canções populares de que acima tratei, são pequenos poemas compostos geralmente de quatro quadras. De carácter lírico, algumas vezes satí-

rico mas raramente épico, apresentam-nos os antigos letões cultivando a terra, pescando nos rios ou no mar, semeando trigo, aveia, linho ou cevada, plantando árvores de fruto e criando gado.

Nesses poemas, glorificam, os letões, a virtude da mulher; a valentia dos homens que, contentes e de cabeça erguida, se dirigem para os perigos; a inteligência e a actividade das raparigas que, de manhã à noite, trabalham sem cessar; e as donzelas que, após o seu labor, conversam tão bem como disfarçam a sua corôa de espinhos, das agruras da vida, deixando que à flôr dos lábios lhes brinque um constante sorriso travesso.

Que lindas côres, empregam para descrever as diferentes idades! Como acompanham o sêr humano desde o nascer ao morrer!

Não ocultam também o ódio aos alemãis como demonstram êstes cantares:

«Se possuísse todo o dinheiro que dorme na profundeza do mar, compraria o castelo de Riga com todos os alemãis e faria dêles o mesmo que me fizeram; sôbre pedras em fogo os obrigaria a bailar».

«Para onde fugir, meu Deus?! As florestas estão cheias de lobos e ursos e os campos de *senhores*. Oh, meu Deus! Castigai meu pai, castigai minha mãi, que me fizeram nascer neste país tão escravo».

Ao lado destas palavras de desespêro e ódio, quantos trechos exprimindo a mais terna melancolia amorosa!

Quantas e quantas poéticas e graciosas evocações de um passado independente onde só se respirava alegria e ventura! Quantas recordações dos castelos com portas em bronze — por uma, diz a fábula, entrava a Luz, pela outra se ocultava o Sol e pela terceira surgia a Lua — por onde saíam rapazes a cavalo, escoltando a irmã até a casa do noivo, ricamente vestidos e ajaezados e onde eram recebidos pelo jóvem pretendente, que deixava pender-lhe dos ombros uma magnífica capa de sêda verde!

A história das canções letãs que nos conduz até à *féerie*, deixa-nos perceber que o maravilhoso é a sua condição natural.

Cada sêr, planta, animal ou elemento tem uma alma e um sentimento. A deusa Sol (a palavra letã é feminina) senta-se à noite, na sua barca e deixa-a manhãsinha cêdo para assistir ao desabrochar dos cravos.

CAMPONESAS, EM DIA DE FESTA

O fogo anima-se; a sua extinção provoca a cólera do cão que ladra por detrás dêle e do gato que o arranha.

GENTE ALDEÃ, COM OS TRAJOS REGIONAIS

Um dia são os pinheiros, os pinheiros e os cogumelos que acompanham a filha do guarda campestre; outro, são os filhos de Deus guiando cavalos de prata, puxando um trem nupcial.

Finalmente, os enigmas, os provérbios, as fórmulas mágicas têm, nos letões, os seus principais produtores.

Os letões dizem-se o povo das mais belas canções e... talvez não se enganem.

* * *

É uso também, entre noivos, a oferta da corôa do arando. O arando é um arbusto que existe em abundância nos países do norte, de fôlhas verde-escuro, duras e lisas, resistentes ao frio, à chuva, à neve e às tempestades, não murchando nunca e verdejando sempre.

Àcêrca dêste hábito de noivado, conta-se que, em tempos remotos, esteve um rapaz extraordinàriamente apaixonado por uma linda rapariga. As horas passava-as nos bosques, deitado à sombra dos arandos pensando naquela que o seu coração escolhera. Os pais, de um e de outro, contrários ao casamento, no desejo de os afastar, foram viver para longe.

O rapaz, porém, antes de partir fêz uma corôa com as fôlhas do arando e colocou-a na parede de uma casa arruinada, oculta na floresta e onde se encontravam às escondidas dos pais. Os anos decorreram e um dia em que era já homem, quís voltar a ver aquele lugar de tão saüdosas recordações. E naquele monte de ruínas ainda estava de pé, orgulhosa, a parede donde pendia a corôa de arando e sob a qual êle escrevera:

«Repara, Lívia; esta corôa foi feita com os arandos que cresceram junto do grande pinheiro situado na floresta do meu pai, junto do qual nos fizemos noivos e onde trocámos apaixonadas promessas de amor eterno. Tira-a e adorna-te com ela.»

Mas... a corôa continua lá, aquela corôa feita carinhosamente com a recordação de uma promessa de amor eterno, sêca e coberta de poeira, indiferente à veemente paixão de um pobre rapaz que a família, cruelmente, distanciara da sua amada.

E... a corôa de arandos, tão devotamente tecida, aquela prece de amor, ficou, para sempre, simbolizando as grandes paixões, o solêne dia de noivado.

Torres de Carvalho

A segunda mocidade

Sitting-room elegante. Espelhos. Entram M.me NINA *e o* MARIDO. *Ela, escultural, cinqüenta anos magníficos, ainda bela, envolta numa* sortie-de-bal *de brocado de oiro e peles, um grande ramo de rosas na mão; êle, cinqüenta e cinco anos, alto, moreno, magro, distinto, expressão severa, irrepreensível na sua casaca onde refulge a placa da Legião-de-Honra. — Três horas da madrugada.*

O MARIDO, *beijando, friamente, a mão de* M.me NINA — Boa noite.

M.me NINA — Vais já para o teu quarto?

O MARIDO — Vou.

M.me NINA — Ajuda-me, ao menos, a tirar a capa.

O MARIDO, *ajudando-a a despojar-se da «sortie-de-bal»* — Queres que leve as flores?

M.me NINA — Não ficas um instante?

O MARIDO — Não.

M.me NINA — Só o tempo de eu me despir.

O MARIDO — Estou fatigado.

M.me NINA — Só o tempo de tirar as jóias.

O MARIDO — São três horas da manhã.

M.me NINA — Precisamos de conversar.

O MARIDO, *sentando-se, contrariado* — Como quiseres.

M.me NINA — Ainda não são três horas. Os bailes da Legação costumam acabar cêdo. Estivemos bem, não achaste?

O MARIDO — Sim. Estivemos bem.

M.me NINA — Dizes-me isso com o ar de quem esteve o pior possível. Tens alguma coisa que te aborreça?

O MARIDO — Não.

M.me NINA — Não me déste uma palavra, tôda a noite. Vieste calado todo o caminho. Parecíamos dois estranhos, no automóvel. Que é que tu tens?

O MARIDO — Nada.

M.me NINA — Não é verdade. Quando tu te calas, é porque me queres dizer alguma coisa.

O MARIDO — É melhor ficar para amanhã.

M.me NINA — Podes fumar aqui, se quiseres. Não me incomoda.

O MARIDO — Sim, é natural que não te incomode. Tu fumaste tôda a noite. Não sabia que tinhas êsse hábito elegante.

M.me NINA — Fumei esta noite, pela primeira vez. Umas cigarrilhas que me deu o adido militar búlgaro. Achei agradável.

O MARIDO, *acendendo um cigarro* — É pena que tivesses começado tão tarde.

M.me NINA — Obrigada. — Não me ofereces?

O MARIDO — Os meus cigarros não perturbam.

M.me NINA, *tirando um cigarro, que o marido acende* — Não quero que digas que fumo ao pé dos outros e não fumo ao pé de ti. — Que impressão te deu o pianista russo?

O MARIDO — Nenhuma.

M.me NINA — Pareceu-me glacial. Tocou com tal frieza o prelúdio de Scriabine, que eu tive um ataque de tosse.

O MARIDO — Se fôsses menos nua para o baile, não tossias.

M.me NINA — Tomei três *cocktails*. Mas ainda tenho mais frio ao pé de ti, do que a ouvir o prelúdio de Scriabine. — Sabes quem me deu estas rosas?

O MARIDO — Não me interessa.

M.me NINA — Não acredito.

O MARIDO, *depois de um silêncio* — Nina, nós precisamos de ter uma explicação séria.

M.me NINA — Ora, ainda bem! Eu logo vi que tu estavas calado porque tinhas que me dizer.

O MARIDO — Há tempo que te estranho. Tu não és a mesma mulher, e eu não compreendo o que se está passando em ti. É preciso, absolutamente preciso, que te expliques.

M.me NINA — Mas que te explique, o quê?

O MARIDO — A mudança profunda que tu tens feito. Tu és outra. Procuro em ti a antiga Nina, e não a encontro. Quem foi que te transformou, a ponto de eu próprio não te conhecer?

M.me NINA, *num movimento nervoso, atirando fora o cigarro* — Perdôa. Não gosto dos teus cigarros.

O MARIDO — Não fumo, infelizmente, tabaco búlgaro.

M.me NINA — É pena. As pessoas que o fumam, são, em geral, bem educadas. Mas a que transformação queres tu referir-te? O que vês tu em mim, que te alarme tanto?

O MARIDO — Tu ainda mo preguntas?

M.me NINA — Porque, naturalmente, desejo que me respondas.

O MARIDO — Apareceste-me com o cabelo cortado, e nem sequer tiveste a delicadeza de procurar saber se isso me seria ou não agradável.

M.me NINA — Mas eu não cortei o teu cabelo, cortei o meu.

O MARIDO — Tu sabias, porventura, se eu estava de acôrdo em que o fizesses?

M.me NINA — Também tu cortaste o bigode sem me pedir licença, e eu não te fiz cenas nem te exigi explicações. Creio que os direitos são iguais.

O MARIDO — Devias, ao menos, lembrar-te de que já tens cabelos brancos.

M.me NINA — Também tu tinhas o bigode branco, e foi por isso que o cortaste. Uma discussão nestes termos ridículos, Max, não é digna de ti nem de mim. Quantas senhoras de idade tens tu visto, em Paris e em Londres, com o cabelo cortado? E, tu compreendes, eu não pinto o cabelo porque não quero.

O MARIDO — Não pintaste o cabelo, mas pintaste a bôca e pintaste os olhos. Nunca te vi assim. Estás irreconhecível.

M.me NINA — Estou irreconhecível, mas tu conheceste-me. É preciso que te convenças de que as mulheres sabem perfeitamente o que fazem e o que lhes fica bem. Muito melhor do que os homens. Um dia, tu entraste em casa de knickerbockers, com um fato de *golf* escandaloso, e eu tive a generosidade de nem sequer me rir quando te vi.

O MARIDO — Não me parece que um fato de *golf* seja uma coisa escandalosa. O que é escandaloso é aparecer num baile, como tu apareceste hoje, com as costas nuas e os braços nus.

M.me NINA — As costas não estão tão nuas como tu dizes. *(Voltando-se)* Vê.

O MARIDO — Obrigaste-me, nessa figura, a acompanhar-te e a dar-te o braço.

M.me NINA — Tôda a gente se decota.

O MARIDO — Mas tu não te decotavas.

M.me NINA — Querias que eu fôsse a um baile com a sáia de balão da imperatriz Eugénia?

O MARIDO — Mas tu nunca te vestiste assim! É por isso que eu te desconheço. É por isso que eu te pregunto que transformação é esta que se operou repentinamente em ti. Tu mudaste tanto, que eu tenho a impressão de que estou casado com outra mulher.

M.me NINA — Isso deve ser-te agradável.

O MARIDO — Não brinques com coisas sérias.

M.me NINA — Deve ser-te agradável ter mudado de mulher, porque esta é mais interessante do que a outra.

O MARIDO — Com franqueza, não acho.

M.me NINA — Não dizes a verdade. Eu própria estou a vêr-me naquele espelho, e, confesso, estou gostando de me vêr. A ti, meu pobre Max, acontece-te o mesmo. Há muito tempo que eu não te pareço tão bonita como hoje.

O MARIDO — Enganas-te. O que tu nunca me pareceste foi tão imprudente.

M.me NINA — Namoraste-me tôda a noite, sem dar por isso. O teu olhar procurava-me por tôda a parte.

O MARIDO — Foi ilusão tua.

M.me NINA — Nós outras, mulheres, sabemos o que os homens pensam de nós, muito antes de êles próprios o saberem. Tu, esta noite, até tiveste ciúmes meus.

O MARIDO — Eu?

M.me NINA — E ainda os tens.

O MARIDO — Já não estou em idade de ter ciúmes. Nem eu, nem tu.

M.me NINA — O ciúme não tem idade.

O MARIDO — O que estou é no direito de notar e de estranhar a tua desenvoltura. Achas bem dansar tôda a noite, como dansaste, e *flirtar* com adidos de legação, com a imprudência com que o fizeste?

M.me NINA — Perdão. Não *flirtei*. Conversei. É diferente.

O MARIDO — Conversaste com êsse imbecil tôda a noite, fumaste os cigarros que êle te deu, e, à saída, êle demorou-se mais do que convinha a beijar-te a mão.

M.me NINA — Não contei os segundos pelo relógio.

O MARIDO — Gostava de que tu me dissesses quem foi que te ensinou a dansar.

M.me NINA — Foi um bailarino negro que lady Brougham me apresentou.

O MARIDO — Um bailarino negro?

M.me NINA — Não tenho culpa de que êle não fôsse branco.

O MARIDO — Mas tu, que és uma mulher inteligente, não compreendes que essas coisas são para as raparigas de vinte anos?

M.me NINA — E porque não hão-de ser para mim?

O MARIDO — Porque a tua idade o não permite. É o defeito de muitas mulheres, esquecerem-se da idade que têm.

M.me NINA — Mas porque razão é que êsses pequenos prazeres de sociedade hão de ser privilégio dos vinte anos? Se eu me sinto alegre, ligeira, se danso como uma rapariga, se um vestido de baile me fica bem, se ainda tenho, como tu dizes, quem me faça a côrte, — porque hei de eu privar-me dessas pequenas coisas inofensivas que me divertem e me dão o prazer de viver?

O MARIDO — Porque és avó. Tu esqueces-te de que és avó.

M.me NINA — Ora, meu amigo! Mas sou uma avó muito bonita. Muito mais nova do que a minha filha. Muito mais bonita do que as minhas netas. E tu estás a olhar-me duma tal maneira, meu pobre Max, que eu sou capaz de acreditar que tenho vinte anos.

O MARIDO — Mas o que eu queria que tu me explicasses, Nina, é a razão porque tendo sido, até certa altura, uma mulher modesta, respeitável, severa, até, para os excessos dos outros, fizeste, de repente, uma tão súbita transformação. Há-de haver uma causa, e é isso que eu não entendo.

M.me NINA — Estou farta de que me respeitem. Estou farta de ser uma senhora respeitável. *J'en ai assez.* Uff!

O MARIDO — Isso não é uma razão que se possa aceitar. Porque a verdade, Nina — e eu não devo esconder-to — é que já não é só a tua desenvoltura que eu estranho. É a tua moral. Há qualquer coisa de novo em ti, que me assusta.

M.me NINA — Não tenhas medo. Eu não te faço mal nenhum.

O MARIDO — Há qualquer coisa, em ti, que me faz sofrer.

M.me NINA — Meu pobre Max!

O MARIDO — E é por isso que eu quero, que eu exijo que tu me expliques o que se passa no teu espírito. No teu espírito e, porventura, na tua vida.

M.me NINA — Meu pobre Max! Pois tu não compreendeste ainda?

O MARIDO — Tu não tens o direito de me esconder seja o que fôr.

M.me NINA — Tu não compreendes que eu me sinto envelhecer, que tenho mêdo de envelhecer, e que luto, desesperadamente, como um náufrago, para salvar um pouco de mocidade que me resta? Os homens não entendem estas coisas, meu pobre Max. É o drama de tôdas as mulheres que são belas e que envelhecem. Quis fazer a minha última experiência, e — sabes? — estou contente, contente como uma criança. Disse à velhice — «mais devagar, minha amiga!» — e ela foi amável, esqueceu-se umas horas de mim, deixou-me viver, viver! Tôda esta noite, apesar dos meus cabelos brancos, senti o meu triunfo, senti-me bela, requestada, desejada — por todos, até por ti! — e fui feliz, completamente feliz, feliz como só as mulheres podem ser. Sorri, dansei, *flirtei*, perturbei, tive — perdôa! — instantes de vertígem e de loucura, e quando adivinhava o teu olhar inquieto a seguir-me, pensava comigo: «pobre Max, eu estou a fazê-lo sofrer, mas tenho a certeza de que, neste momento, êle gosta tanto de mim como gostava há trinta anos!»

O MARIDO, *levantando-se* — Nina!

M.me NINA — Compreendes agora, emfim?

O MARIDO — É tão difícil compreender as mulheres!

M.me NINA — Não é verdade que é cêdo ainda para eu me deixar envelhecer? Que é um crime, deixar-me envelhecer ao pé de ti?

O MARIDO, *beijando-lhe as mãos* — Minha Nina!

M.me NINA — Não é verdade que tu próprio, só de me olhar, te sentiste hoje mais novo? Que a mocidade das pessoas que amamos nos rejuvenesce? Que tu gostas, hoje, muito mais de mim? Que eu vivi e que te fiz viver?

O MARIDO — Juras-me que a tua segunda mocidade é inteiramente minha?

M.me NINA, *num murmúrio, encostando amorosamente a cabeça ao ombro do marido, que a beija* — Tão tua como a primeira, Max...

Julio Dantas

Um crime de há 90 anos

A TRAGÉDIA DE MATOS LOBO NA RUA DE S. PAULO

De tribuno do povo a assassino confesso.

CORREMOS qualquer rua e, nas fachadas lisas ou adornadas dos seus prédios e palácios, só nos é dado adivinhar o conchego dos lares. No entanto, muitas dessas moradias acolheram tragédias lancinantes, actos de transcendente política, elegâncias ou amores célebres. Venha o leitor connosco, por exemplo, à rua de S. Paulo. Saídos de entre o formigueiro tumultuoso que, em todo o dia, enche a do Arsenal, oferece-se-nos aquela tranqüila calma. Em cima, sustentada por um consistente arco, corre a do Alecrim. Do lado esquerdo, há um prédio cujo suporte é o referido arco. A porta que lhe dá entrada tem, agora, o número 9, e, primitivamente, o 5. Serve o seu primeiro andar de instalação a escritórios comerciais e a um consulado sul-americano. Pois ali deu-se, há bons noventa anos, o crime que mais emocionou os lisboetas durante o século XIX. Matos Lobo, último condenado à morte em Portugal, assassinou, feramente, fazendo triste honra ao apelido, uma família inteira. O crime, que roubou a vida a quatro pessoas, tornou-se célebre nas mais recônditas aldeias e, meio século transcorrido, ainda dêle se falava.

* * *

Noite tépida de verão, a de 25 de Agôsto de 1840. Lisboa dorme há muito, segundo o uso dêsses tempos recolhidos, e poucos minutos faltam para que no campanário da igreja de S. Paulo sôem as doze badaladas da meia-noite. Porém, a despeito do tardio da hora, na janela de um prédio que, tendo serventia para a rua do Ferregial, faz, no entanto, parte da do Alecrim, há um mancebo que fita àvidamente o primeiro andar do n.º 5. Frederico Augusto James, assim se chama o atento observador, está enamorado. Na casa que espreita, na teima da sua paixão, reside uma encantadora donzela, à qual devotou tôdas as ternuras. De súbito, parece-lhe ouvir esbatidos clamores. Mas a noite segue, tranqüila, afogada em calor. Abre-se, depois, uma janela do primeiro andar e, de chapéu na cabeça, um homem observa, inquieto, a rua. Dentro, um cão ladra e arremete. Recolhe-se o vulto e, momentos depois, o animal é arremessado violentamente. James não duvida, agora, de que aquela casa foi teatro de um crime.

Sai pela porta da rua do Ferregial e corre ao Cais do Sodré, onde avisa o piquete da guarda municipal que ali estacionava. Entram as autoridades de roldão na misteriosa residência e depara-se-lhes um quadro apavorante. No pavimento de um quarto nadam em sangue os cadáveres da dona da casa, Adelaidê Filipe da Costa, e da criada, Narcisa de Jesus. Envolta nas ensangüentadas roupas de um leito, uma criança, Emídio Pereira da Costa, filho da Adelaide, jaz morta também. Noutro leito, agoniza uma linda donzela, Júlia, a enamorada de James. Apesar de, no baixo ventre, ter um punhal cravado com tanta fúria que se incrustou num anel da coluna vertebral, consegue descrever o crime e acusar, claramente:

— Quem nos matou foi o meu primo Francisco de Matos Lobo, estudante, que vive na rua de S. Bento, n.º 4, primeiro andar!

Foram as autoridades surpreender o assassino na lavagem das próprias roupas, encharcadas em sangue, apreendendo-lhe uns papeis de crédito que furtara às vítimas. Entretanto, o gentio rodeava a casa da rua de S. Paulo. Em tôda Lisboa, ainda que afeita à violência característica das recentes lutas políticas, a notícia causara espanto e terror, e o *Dez Réis — Jornal de Utilidade Pública*, tímido percursor do jornalismo moderno, fêz larga venda.

MATOS LOBO (REPRODUÇÃO DO ÚNICO RETRATO SEU QUE EXISTE)

* * *

No entanto, o que deu especial relêvo ao crime foi o conhecimento da personalidade de Matos Lobo. Com 27 anos então, estudara para sacerdote no seminário de Sernache do Bomjardim, carreira que não seguira devido ao encerramento dêsse estabelecimento eclesiástico pelos liberais. Tornou-se ardente constitucional e na Amieira, sua terra, interveiu nas lutas políticas de tal modo que, mercê da sua invulgar inteligência, se tornou o ídolo popular. De uma proclamação da sua autoria, consta a seguinte formosa passagem:

«Nós não podemos permitir que o prestígio da autoridade se mantenha pelo terror que inspira. Seria isso tornar-nos cúmplices de uma iniqüidade. Temos um grande direito para abater o déspota que nos esmaga — é a Lei; temos uma grande fôrça para triunfar completamente das suas arbitrariedades — é a Justiça. É, pois, em nome da Lei e da Justiça que nós nos insurgimos!»

Como conciliar a elevação e o brilho destas palavras com a bruteza do assassínio de três mulheres e uma criança? Consternador mistério o da condição humana! Parece, porém, ter sido o roubo simulado para despistar as autoridades. Sem provas, a rudimentar polícia do tempo ràpidamente concluiria por assacar a tragédia da rua de S. Paulo a qualquer dos émulos de Diogo Alves, que matavam para roubar. O crime de Matos Lobo deve ter tido, pelo contrário, uma origem passional porque, mantendo êste íntimas relações com a sua parenta Adelaide, viúva do músico português João Evangelista Pereira da Costa, discípulo de Rossini, ainda formosa e atraente, apesar de já ter passado dos 40 anos, o despeitava o acolhimento por ela dado a um médico, de nome Soares de Albergaria.

N 198 Segunda Feira 6 de Setembro. Anno de 1841

O DEZ Rs JORNAL D'UTILIDADE PUBLICA.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS.

METEOROLOGIA — CORREIOS — FEIRAS — GALAS &c.

REPRODUÇÃO DO NÚMERO DO JORNAL QUE PUBLICOU A SENTENÇA DE MORTE

O certo é que, no julgamento, os magistrados se obstinaram em tudo explicar com o roubo. A sentença de morte foi dada a 30 de Agôsto de 1841, trinta e cinco dias decorridos sôbre a tragédia. Mobilizou-se Lisboa inteira e, no tribunal, viam-se, entre o público, Palmela, Terceira e outros vultos da política. Na rua, aglomerava-se uma densa massa de gente. Não se conformou o criminoso com a decisão inexorável dos juízes, da qual recorreu, mas, em 4 de Março de 1842, o Supremo Tribunal recusou a solicitada revisão do processo.

* * *

Matos Lobo vai ser executado e, para maior exaltação da sua triste fama, será o último réu ferido de morte pela justiça de Portugal. No dia 14 de Abril, quando mais desprevenido se encontrava na sua mísera cela, intimaram-no a entrar no oratório. Tentara o desgraçado, durante o encarceramento, suicidar-se de vários modos, mas sempre obstaram os guardas ao seu desígnio. Fizera, até, a greve da fome, modernismo de que deve ter sido o percursor, e que o levou a grande debilidade, pelo que, acolhido à enfermaria, foi pelos médicos forçado a alimentar-se. Os três dias que esteve, conforme a praxe, de oratório, custaram-lhe horrores. Assistido espiritualmente por um padre de nome Sales, a conselho dêste fêz a confissão escrita do crime, o qual explica por paixão, negando que o impelisse o roubo.

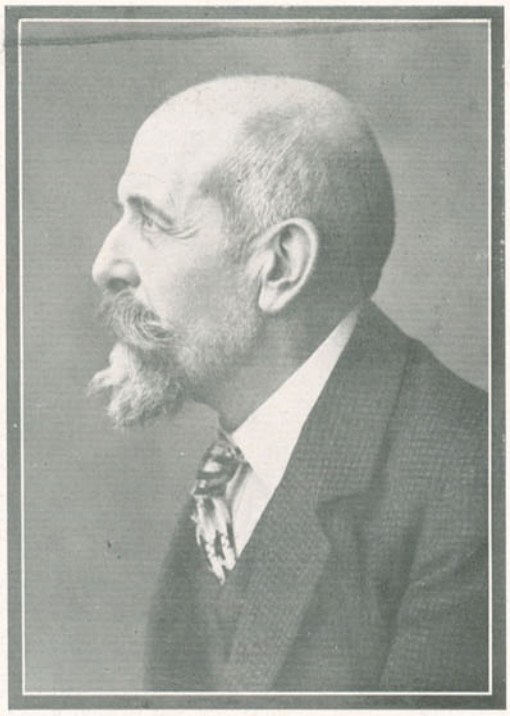
Às 11 horas da manhã do dia 16, saíu o fúnebre cortejo a caminho do Cais do Tôjo, onde se erguera a forca. Ante a casa da rua de S. Paulo, foi solenemente lida a confissão. Matos Lobo chegou ao local do suplício quási desfalecido, pelo que o gentio congregado para o sinistro espectáculo, o supôs morto. No entanto, o enforcamento foi longo e penoso, devido a inexperiência do carrasco.

Não deixou o criminoso a vida desacompanhado. O prior de Marvão, que lhe suavizara o cárcere com as suas piedosas práticas, quando o exortava a bem morrer e a reconciliar-se com Deus, caíu, morto, devido a uma apoplexia fulminante.

L. C.

PRÉDIO DA RUA DE S. PAULO, EM CUJO PRIMEIRO ANDAR MATOS LOBO COMETEU QUATRO ASSASSÍNIOS, EM 1841

AGUA CORRENTE



O CAMINHANTE:

Água que passas pela regueira,
Deitando chispas, que pressa tens?
Tão cristalina, tão sorrateira,
Donde é que vens?

A ÁGUA:

Nasci nos altos, venho da serra,
Gerou-me a nuvem, quando beijada
Pelo gigante da cumiada,
Se funde em chuva, que embebe a terra,

Rolei furiosa pelas vertentes,
Sorveu-me a gleba que se fartou,
Formei riachos, formei torrentes,
Buscando o Oceano, que é meu avô.

À vista do homem, desci dos montes,
Prendeu-me o açude, surgi na mina,
E para os campos, e para as fontes,
Sigo o caminho que êle me ensina.

Gemo tristonha na fria treva,
Entre muralhas muito apertadas;
Mas canto alegre, quando me leva,
À céu aberto, pelas estradas.

O CAMINHANTE:

Água que passas pela regueira,
À sombra meiga dos castanhais,
Tão diligente, tão galhofeira,
Aonde vais?

A ÁGUA:

Vou às tarefas rudes e santas,
De que o bondoso Deus me encarrega:
Dar viço aos prados, vigor às plantas,
Espalhar vida na minha rega.

Vou depressinha, pois que nas hortas
Enfesa a couve, mirra-se a alface;
Há longo tempo que andavam mortas
Pelo meu beijo, que as regalasse.

Aos arvoredos, cuja ramagem
Abafa a calma, sufoca o pó,
Acudo, embora só de passagem,
Com uns ligeiros salpicos só.

Pois tenho pressa, que lá p'ra baixo
Pomares de espinho, mais de corôço,
Por voz das aves pedem despacho
E já me esperam com alvorôço.

Dos ramos pendem pesadas frutas,
Pêssegos loiros, verdes maçãs.
Que há de ser delas, se as deixo enxutas,
A ressequirem antes de sãs?

E nas latadas, e pelas vinhas,
Por entre as parras, assoma o esgalho,
Acudo às uvas, pois, coitadinhas!
Incham à custa do meu trabalho.

Por onde eu passe, penetro a gleba,
Desço de manso, profundo-a bem,
E subo ao tronco, p'ra que se embeba
No vivaz suco da terra-mãi.

E se de todo me não desfaço
Nestas canseiras, ainda vou
Parar acaso no azul regaço
Do grande Oceano, que é meu avô.

Aí, dos homens não mais escrava,
Quero perder-me nas amplidões,
Entrar valente na dansa brava,
Ao som dos ventos e dos trovões.

Volvendo ao seio da névoa clara
Que aos céus me eleva, quero em seguida
Baixar à terra, que me é tão cara,
E nos meus beijos sorver-lhe a vida.

Sorver-lhe a vida, p'ra transformá-la
Em seiva nova, para que assomem
A flor nas hastes, que aroma exala,
No ramo o fruto, regalo do homem.

E assim meu canto varia muito,
Doce no estio, rude no inverno,
Em quanto eu corro no meu circuito,
No meu circuito fecundo e eterno.

O POETA:

Água corrente, que não descansas
Nas tuas lidas tão bemfazejas,
Que trazes vida nas gotas mansas,
Bemdita sejas!

O sol, ao ver-te, raios despede
Por entre as fôlhas, com subtil arte,
E lança a furto brilhante rêde
De filigrana, para enlear-te.

Bemdita sejas! Quando, em sussurro,
Por entre os seixos brincando passas,
Até o muro, pardo e casmurro,
Todo se enleva nas tuas graças.

Bemdita sejas! As vivas chamas,
Que reverberas, provêm do céu.
Em ti as fundes, tu as derramas
Pelo planeta, que as recolheu.

Bemdita sejas! Se por fracasso
Na terra fôsses esvaecendo,
Ela rolara, sôlta no espaço,
Como um cadáver, soturno e horrendo,

Bemdita sejas! O teu murmúrio
É como um côro de serafins,
Que alegra o pobre no seu tugúrio,
E ao rico embala nos seus jardins.

Límpida e clara, mil côres possuis.
Dás verde ao prado, rubro às cerejas,
Juncas o campo de oiros e azuis...
Paleta excelsa, bemdita sejas!

Modesta obreira, ninguém te acata,
Nem uma bênção te lança alguém,
Até os homens, que raça ingrata!
Mancham teu corpo de virgem-mãi.

Mas tu afagas quem te despreza,
Com mimos pagas ingratidões.
Nas imundícies crias beleza,
E vida arrancas das podridões.

Água corrente, quem te vê mansa
Nessa regueira que te conduz,
Mal imagina que na pujança
Tu geras fôrça, tu geras luz!

Bemdita sejas! A ti me humilho,
Espiando o crime de meus avós!
Seja o meu canto bênção de filho,
Das almas simples o porta-voz!

Bemdita sejas! Da pobre lira
Levanto a minha jaculatória,
Já que os poetas, que Deus inspira,
Não te sagraram hinos de glória!

Por todo o sempre sejas louvada,
Alma do mundo, sangue disperso!
Suprema causa, fonte sagrada
Da vida esparsa pelo Universo!

Colares — Setembro, 1923 (inédito).

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

Henrique Lopes de Mendonça

O grande poeta e dramaturgo Henrique Lopes de Mendonça, cujo falecimento ainda há pouco enlutou as letras portuguesas, e cujo busto a Academia vai perpetuar em mármore, deixou algumas obras inéditas, — versos admiráveis, páginas evocadoras de memórias da mocidade e um livro, que é uma obra-prima, Trinca-Fortes, *em que resplandece a alma tutelar de Camões. Devido à deferência de suas ilustres filhas, a* Ilustração *pode publicar neste número uma poesia inédita do glorioso mestre, versos vibrantes de juventude, palpitantes de eloqüência e de entusiásmo panteísta, que ninguém dirá terem sido escritos aos setenta anos, e que constituem um belo e luminoso trecho de antologia.*

A arte de deitar cartas

ou a feitiçaria ao alcance de todos

DESDE que o mundo é mundo, desde que a primeira figura humana se viu projectada sôbre a terra, que a ânsia de desvendar o futuro, de prever o destino reservado a cada um de nós, pobres mortais, existe e se manifesta nas mais diversas práticas, algumas delas bem dignas de estudo e oferecendo aspectos bem curiosos. Que representa, afinal, o bíblico episódio da tentação no Paraíso, na era auroral do mundo, episódio de que foram protagonistas os nossos mais remotos antepassados, Adão e Eva, senão o ardente desejo de saberem, ambos, a razão da vida e também a trajectória dos seus dias vindoiros?

Depois, aqui e além, por tôda a parte, entre todos os povos do orbe, enquanto automàticamente a terra rola no espaço e envelhece, essas velhas práticas têm vindo perpetuando-se umas, modificando-se outras, e outras ainda, estas em apoucado número, extinguindo-se. Umas, agora, aparecem como elemento essencial das religiões, tomaram a forma de ritos sagrados. Outras, fulminadas simultâneamente pelas igrejas e pela ciência, são olhadas apenas como resíduos, como reminiscências de superstições de gente bárbara. No fundo, porém, tôda essa inquietação perante o mistério do universo e das suas sigilosas leis, seja qual fôr o aspecto que adquira, não é senão o protesto instintivo, que a cada momento se renova e não cansa nunca, mas protesto expresso com dramática humildade, do homem contra o desdenhoso silêncio dos deuses, que o colocaram no mundo sem lhe revelarem o porquê nem o para quê dêsse acto. Saído duma incógnita e tendo de ingressar, fatalmente, noutra incógnita, sendo a sua existência apenas uma curta viagem entre dois imensos, infinitos túneis, êle sente na alma um mar de terrores, um oceano de trevas. E todo o seu fito, então, tôda a sua freima, bem compreensível, é procurar projectar adiante dos seus passos, para que êles possam ser mais firmes, um forte clarão, é rasgar uma pequena fresta que seja na espessa muralha de mistério que o envolve. Abriram-lhe na fronte os olhos, mas limitaram-lhe a vista; puseram-lhe dentro do crânio uma fôrça que, por vezes, se assemelha a uma luz fulgurante e opera conquistas, invenções maravilhosas. Mas, se teima em descortinar para mais longe, cega; se ambiciona entender mais profundamente, reconhece-se estúpido!

* * *

Atribui-se às ciências divinatórias a origem caldáica, mas de presumir é que essa origem seja ainda mais antiga. A sua feição mais propagada e que de mais larga preponderância sôbre os espíritos gozou, durando a sua influência um extenso período de séculos, foi a astrologia ou astromância, isto é, a arte de ler nos astros o futuro. Tanto se arraigou nos costumes e tanta crença inspiravam os seus vaticínios, que a igreja, já no século XVII, não se atrevia a atacá-la, não obstante por êsse mesmo tempo fulminar com as mais acerbas condenações todos os outros processos de adivinhar ainda em uso.

A FEITICEIRA DEITANDO AS CARTAS

Não eram poucos êstes, e com numerosos adeptos e praticantes, mesmo em Portugal, tanto na metrópole como nas terras môças do Brasil, ganhas não há muito para a civilização, segundo se apreende e se apura da enumeração feita pelas Ordenações Manuelinas, que proïbiam lançar sortes, servir-se alguém de varas para achar haveres, ver figuras e indícios na água, ou em cristal ou em espêlho ou em lâmina de espada, ou noutra qualquer coisa luzente, ou ainda em espádua de carneiro, adivinhações e horispícios êsses todos para que se julgavam especialmente, sobrenaturalmente fadados, os dignos sucessores das antigas sibilas, dos áugures e dos nigromantes, com certo parentesco ainda com os bruxos medievais.

Lembram-se dêstes, ao menos? Reputava-os o povo embaixadores do demónio; eram vistos, dizia-se — e quando tal se dizia, era de bom conselho persignar-se a gente, — às horas mortas da noite, cavalgando em vassoiras encantadas, através dos ares, a caminho dos *sábbats*, que eram as assembleias onde todos compareciam para adorar seu amo e senhor, o Diabo, e onde, visto em reüniões tais não ficar mal um pouco de folia, dançavam a bom dançar, em cabriolas e saracoteios que devem ter sido os precursores das desengonçadas danças de hoje em dia. E mais afirmava o povo que os bruxos e bruxas faziam caír saraiva sôbre os campos, arrasando as novidades agrícolas, e se sustentavam de sapos e da gordura de crianças mortas sem baptismo.

A Alemanha esteve, na idade média, infestada de bruxaria. E ainda hoje, entre nós e alhures, uma ou outra criatura é apontada como praticante de certas das suas artes e manhas, e com a invocação do seu nome as crianças rebeldes se submetem de pronto às imposições dos adultos que as tratam e de melhor processo educativo não se aperceberam ainda.

Goya, o grande pintor espanhol, no-las mostrou, às bruxas ou feiticeiras,

O QUE SIGNIFICAM AS CARTAS DO NAIPE DE OUROS. — REI: UM HOMEM DE BEM ASSEGURAR-VOS-Á O FUTURO. — VALETE: HÁ QUEM DESEJE FAZER-VOS MAL. — DAMA: CALÚNIAS E FALSOS AMIGOS. — ÁS: NO PRIMEIRO CORREIO TEREIS BOAS NOTÍCIAS. — SETE: FELIZ RESULTADO; VENTURA E DINHEIRO. — SEIS: CONFIRMAÇÃO DO QUE ESPERAIS. — CINCO: UM ACONTECIMENTO IMPREVISTO MUDARÁ POR COMPLETO A VOSSA SITUAÇÃO. — QUATRO: NÃO DESESPEREIS; A CONCLUSÃO ESTÁ PARA BREVE. — TRÊS: DENTRO EM POUCO TEREIS JUSTOS MOTIVOS DE ALEGRIA. — DOIS: NÃO ACREDITEIS, PORQUE SÃO FALSAS NOTÍCIAS.

numa tela que é de maravilha, exactamente nessas suas desvairadas e nocturnas excursões, por ares e ventos, serros e vales.

* * *

Da adivinhação por meio das cartas de jogar, que é o têma principal dêste artigo, servindo-lhe apenas de prólogo tudo o que se disse até aqui, não se fala então ainda e nem sequer nas Ordenações Filipinas de 1595 aparece citada.

Evidente é, pois, que o seu uso nas chamadas ciências ocultas só teve começo mais tarde, o que de resto aparece como lógico se lembrarmos estar averiguado que só nos fins do século XIV os árabes trouxeram para a Europa as cartas de jogar, que foi invenção oriental.

Nos tempos modernos a cartomância e a quiromância são os dois processos geralmente aplicados pelos adivinhadores de profissão e pelas herdeiras das feiticeiras e bruxas das antigas eras. A cartomância, por meio das cartas, a quiromância pela leitura, pela interpretação das linhas da palma da mão. Todos os demais processos, desde os augúrios tirados do vôo e do canto das aves ou do exame nas entranhas dos animais sacrificados, tão vulgares no paganismo greco-romano, até aos vários sistemas que tiveram larga aplicação na Idade Média, se se praticam ainda, um ou outro, é apenas entre as tríbus africanas ou asiáticas onde a civilização não penetrou até à data. Entre povos civilizados, caíram de todo em desuso: venceu-os o cepticismo moderno.

Ao oráculo obtido das cartas, muita gente dá ainda crédito e liga profunda fé. Principalmente, quando em negócios de amores, quando o ciúme, êsse monstro de olhos verdes de que falava Shakespeare, entra a morder fundo nos corações. Então os consultórios das cartomantes afreguesam-se, os baralhos andam bem mexidos e remexidos. Sai sempre certo o que as cartas dizem, — afirmam-no, beatamente, as ingénuas consulentes.

Hoje, decerto, a cartomância deixou de ser monopólio dos profissionais, como era outrora; hoje, bastantes amadores a conhecem e praticam. Segundo os tratados das ciências ocultas, não há até nada mais fácil: deitar cartas é um saber que está ao alcance de todos e por êle todos podem desvendar o seu e o alheio futuro.

E como, a par, isso proporciona uma inocente distracção, embora não se lhe venha a descobrir, afinal, nenhuma vantagem na vida corrente, aqui nos propomos ensinar aos leitores um dos processos mais simples e mais usuais de deitar cartas.

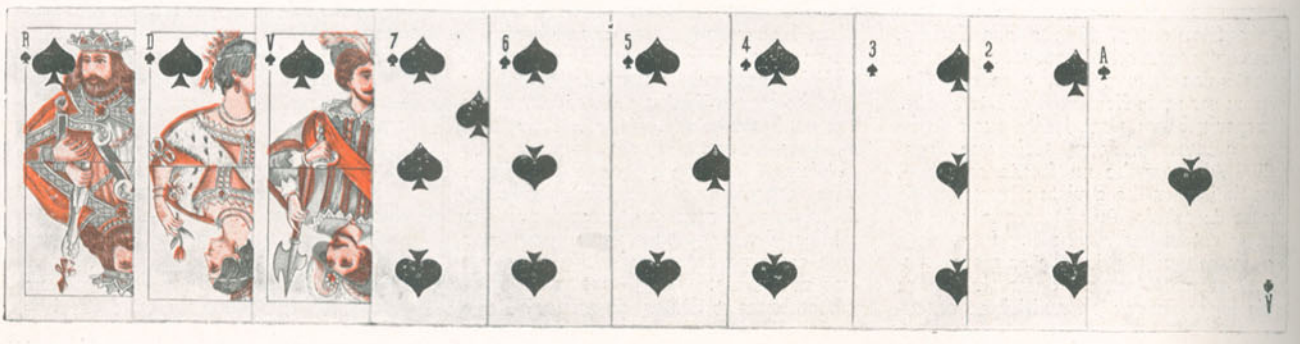
* * *

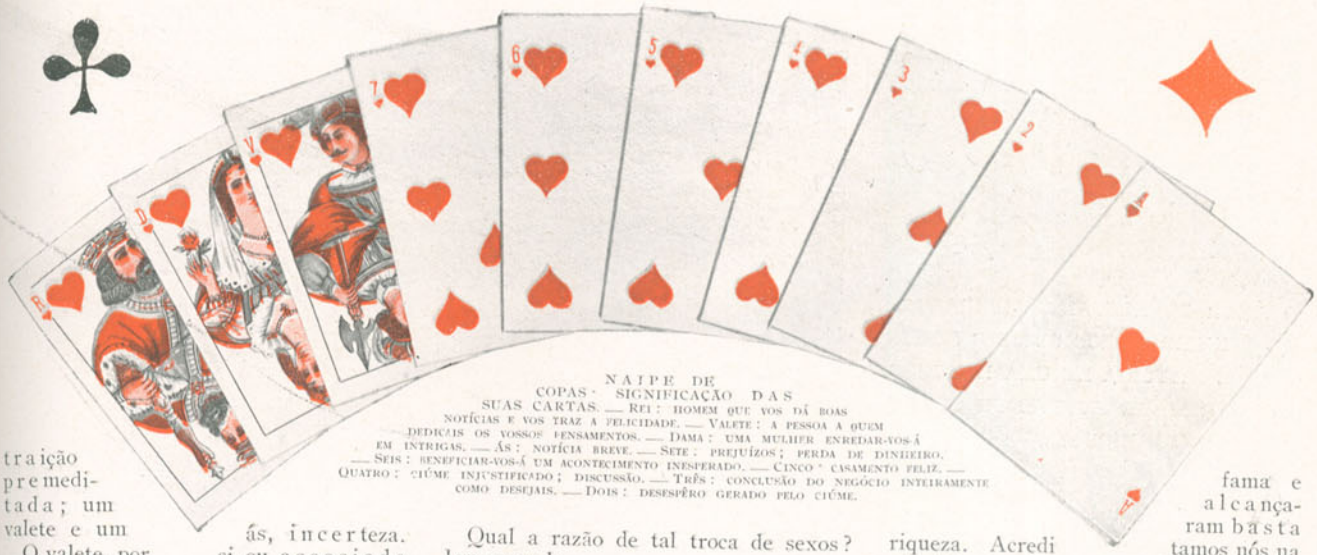
Em primeiro lugar, como se compreende, é preciso conhecer a significação de cada carta, porque cada uma das quarenta cartas do baralho tem, para a circunstância, seu significado especial, que indicamos nas legendas que acompanham, nestas páginas, os respectivos naipes. Depois, é necessário também conhecer o que significam os chamados encontros de cartas, que adquirem particularmente uma especial importância, sempre que se reünem três ou quatro cartas do mesmo valor na mesma carreira.

Assim, por exemplo, quando quatro damas se juntam, trata-se (perdoai-nos, Senhoras! a calúnia não é nossa, é dos tratados de cartomância...) de uma discussão acalorada e de palavras maldizentes. Pelo contrário, se o ás aparece acompanhado é sempre bom sinal: quatro áses anunciam um bom negócio, três profetizam uma ventura inesperada, dois garantem amizade sincera ou são núncios do regresso do ausente querido.

As significações dos outros encontros principais de figuras são as seguintes: quatro reis, felicidade fugaz ou pequenas zangas; três reis, prosperidade ou feliz êxito; dois, há pretendentes à vossa mão ou ides fazer uma aliança de bom agouro. Um rei e uma dama, casamento próximo; quatro valetes, lutas e intrigas; três valetes, ciúmes ou más notícias; dois, suspeitas ou amizade momentânea. Três damas, perfídia e combinações sinistras; duas damas, amizade íntima. Um valete e uma dama,

SIGNIFICAÇÃO DAS CARTAS DO NAIPE DE ESPADAS. — REI: HOMEM DE TOGA; TEREIS DEMANDAS QUE VOS ARRASTARÃO À RUÍNA. — VALETE: AUSPICIOSO ENLACE PARA DATA BREVE. — DAMA: RENUNCIAI A LISONJAS QUE SÓ OCULTAM FALSIDADE. — ÁS: ACREDITAI NA SUA CONFISSÃO SINCERA. — SETE: ACONTECIMENTOS FELIZES; REGRESSO PRÓXIMO DE QUEM ESPERAIS. — SEIS: RENUNCIAI A TAIS PROJECTOS QUE VOS SERÃO FUNESTOS. — CINCO: APROXIMAM-SE GRAVES QUESTÕES. — QUATRO: SERÁ DEFERIDO O VOSSO PEDIDO. — TRÊS: NÃO CONTEIS TÃO CÊDO COM O AUSENTE. — DOIS: NOTÍCIA INESPERADA.





NAIPE DE COPAS · SIGNIFICAÇÃO DAS SUAS CARTAS. — REI: HOMEM QUE VOS DÁ BOAS NOTÍCIAS E VOS TRAZ A FELICIDADE. — VALETE: A PESSOA A QUEM DEDICAIS OS VOSSOS PENSAMENTOS. — DAMA: UMA MULHER ENREDAR-VOS-Á EM INTRIGAS. — ÁS: NOTÍCIA BREVE. — SETE: PREJUÍZOS; PERDA DE DINHEIRO. — SEIS: BENEFICIAR-VOS-Á UM ACONTECIMENTO INESPERADO. — CINCO: CASAMENTO FELIZ. — QUATRO: CIÚME INJUSTIFICADO; DISCUSSÃO. — TRÊS: CONCLUSÃO DO NEGÓCIO INTEIRAMENTE COMO DESEJAIS. — DOIS: DESESPÊRO GERADO PELO CIÚME.

traição premeditada; um valete e um ás, incerteza.

O valete, por si ou associado com qualquer outra figura, não anuncia nunca senão catástrofes ou desgostos; e ainda, na companhia do sete, significa desavenças e intrigas infamantes. Mas o sete, que no naipe de copas já é mau vizinho, se aparece com outra ou outras cartas do mesmo valor nunca pressagia coisa boa: assim, quatro setes sentenciam solidão ou calúnias; três setes, uma enfermidade grave: e dois, notícias inesperadas representativas de grandes pezares. Como se vê, os que embirram com o número sete, têm sua razão... As significações dos outros encontros principais das cartas do mesmo valor são estas: quatro seis, prosperidade ou realização de um negócio desejado; três seis, felicidade; dois, esperanças vãs. Quatro cincos, desinteligências; três cincos, decisão favorável de qualquer pendência; dois, más notícias ou cilada. Quatro quatros, viagem feliz; três, ausência demorada; dois apenas, cartas com notícias agradáveis. Quatro três, prosperidade nos negócios; três, desgostos de família; dois, auspicioso enlace. Quatro dois, relações interrompidas; três, calúnias descobertas; dois, amizade volúvel.

Ficam assim os leitores munidos de quási tôda a linguagem das cartas. Resta-nos agora explicar-lhes como elas se deitam, advertindo antes que o consulente, se é senhora, é representado pelo rei de oiros, se é homem, pela dama do mesmo naipe.

Qual a razão de tal troca de sexos? Ignoramo-la.

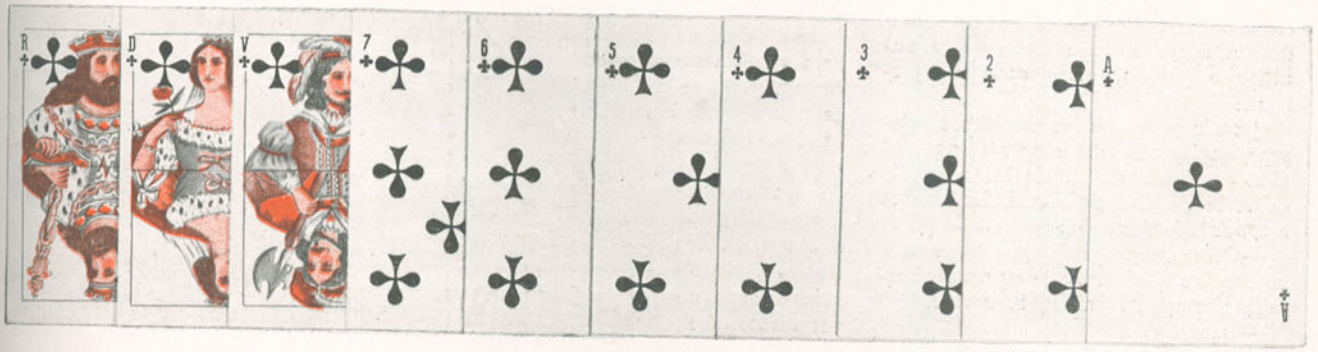
O método é assim. Baralham-se bem as cartas tôdas e dispõem-se depois horizontalmente em oito carreiras de cinco cartas cada uma. Procura-se, em seguida, o lugar onde ficou o rei ou a dama de ouros e notam-se as duas cartas que estiverem por cima e por baixo, na mesma coluna, examinando igualmente os encontros que houver nas outras carreiras, tanto horizontais como verticais, para aproveitar os respectivos prognósticos. Em seguida, levantam-se as cartas em cruz, isto é, começando pela primeira e penúltima, e assim sucessivamente, até levantar o rei ou a dama de ouros. A carta levantada conjuntamente é a que dá a resposta à consulta feita.

Haverá coisa mais simples? Desta maneira, qualquer, com um modesto baralho de cartas, poderá espancar as brumas do futuro, penetrar nos seus arcanos, saber se o amor, se a ventura, se a fortuna caminham ao seu encontro ou se lhe esquivam.

Em todo o caso, cumpre não esquecer que, na cartomância, como em tôdas as outras ciências, é imprescindível o concurso de uma certa dose de intuição. Porque esta residia nelas em elevado grau, é que se celebrizaram certas feiticeiras, certas videntes que desfrutaram fama e alcançaram basta riqueza. Acreditamos nós na adivinhação fornecida pelas cartas? Que vos importa sabê-lo, leitores?

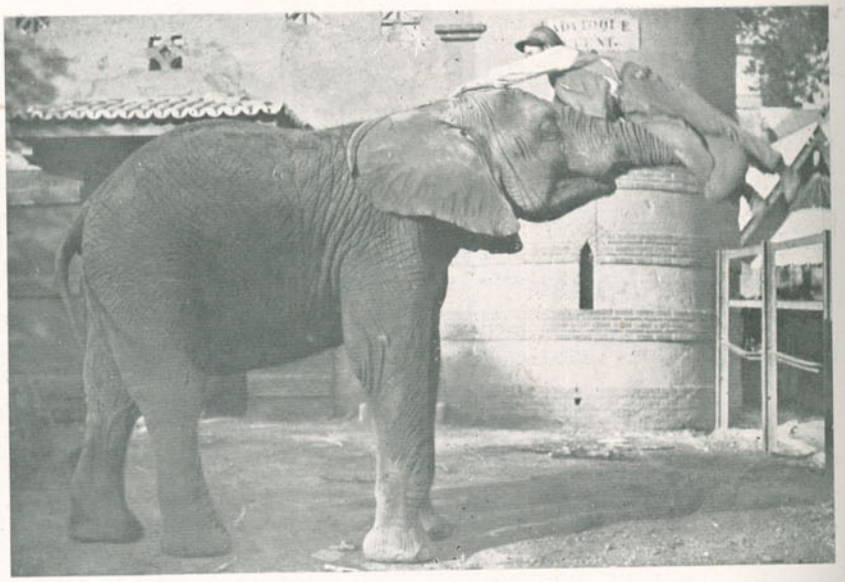
O certo é que, ao pormos termo a êste artigo de mera curiosidade, cujo assunto se liga ao do maravilhoso que tanto absorve hoje uma enorme multidão de espíritos, sentimos a tentação de consultar o baralho que tínhamos ao alcance da mão e com que documentámos esta ligeira prosa. Primeiramente, obedecendo à lei do egoísmo, tratámos de interrogá-lo, de levá-lo a pronunciar-se sôbre um caso de natureza que apenas interessa ao coração do articulista e com que tu, leitora, nada tens, a não ser que prestes amàvelmente a tua nacarada orelha à nossa confidência, ou ainda — ó maravilhoso acaso, deus tutelar, de sempre, dos enamorados! — se repita aqui o caso que Félix Arvers previu naquele seu imortal soneto que começa por *mon âme a son secret, ma vie a son mystère:* — seres tu mesma aquela cujo amor anelamos, aquela que o nosso sonho veste com uma clâmide glorificadora! O que as cartas nos responderam... não foi de molde a desencorajar-nos. Depois, diligenciámos uma aplicação mais ampla dos nossos recem-nados méritos de cartomante. Quisemos saber também se a sorte bafejará o número da lotaria do próximo Natal com que a *Ilustração* resolveu brindar os seus novos assinantes. E as cartas, deitadas a preceito, deram-nos resposta afirmativa... Erraram elas? Acertaram? *Chi lo sa?*

NAIPE DE PAUS: SIGNIFICAÇÃO DAS SUAS CARTAS. — REI: CONFIAI NOS CONSELHOS QUE UM VELHO VOS DARÁ. — VALETE: POR NOIVO TEREIS UM JOVEM RICO E DESPRETENCIOSO. — DAMA: TENDE CUIDADO COM UMA AMIGA QUE PRETENDE DIFAMAR-VOS. — ÁS: INFORTÚNIOS E LUTO. — SEIS: O CIÚME SERÁ A CAUSA DA VOSSA INFELICIDADE. — CINCO: TEREIS AGRADÁVEIS NOTÍCIAS DE QUEM VOS AMA. — QUATRO: BOAS ESPERANÇAS. — TRÊS: FELICIDADE E VENTURAS DO AUSENTE. — DOIS: VIAGEM PERIGOSA.



ANIMAIS NOSSOS AMIGOS...

O AMOR DO ELEFANTE «BENJAMIM» AO DINHEIRO, SEUS ÓDIOS E SIMPATIAS, E HISTÓRIA DE UMA INJECÇÃO INTESTINAL DE MOEDAS DE CUPRO-NÍQUEL...



O ELEFANTE AUXILIANDO O SEU TRATADOR A MONTÁ-LO

AGORA, que todos retraem as suas despêsas, afligidos pela azada crise que ensombra o mundo — como vivem os bichos do Jardim Zoológico, tão estimados do público lisboeta? Tiveram, também, reduções em seus confortos e regalias? Na verdade, quando pisámos as áleas umbrosas do Parque das Laranjeiras, a surda ruindade característica dos homens

A ZEBRA EM ATITUDE MELANCÓLICA

quási nos fazia desejar que aos animais fôssem extensivos os seus males. Mas logo o sr. Adolfo Azevedo, funcionário da secretaria do Jardim, que nos acompanha, esclarece:

— Os bichos não têm sentido em nada a crise, devido à zelosa administração dos srs. directores. A iniciativa e actividade dêstes, que desempenham gratuitamente os seus trabalhosos cargos, têm conseguido vencer tôdas as dificuldades, a despeito de o Estado não auxiliar o Jardim, como seria de justiça...

Quando pronunciadas as últimas palavras, estávamos ante a girafa, que gozava pacìficamente aquele luminoso dia de verão de S. Martinho. Informou-nos o sr. Adolfo Azevedo:

— Com êste animal, gastam-se uns 20 escudos diários. Come cenouras, hortaliças, maçãs, legumes, bananas...

— Bananas?...

— Não se admire. Entre a girafa e os chimpanzés, consomem-se diàriamente doze dúzias da aristocrática fruta.

Seguimos o nosso passeio e, junto aos dois elefantes, *Benjamim* e *India*, que são o encanto eterno dos petizes, diz-nos o nosso interlocutor:

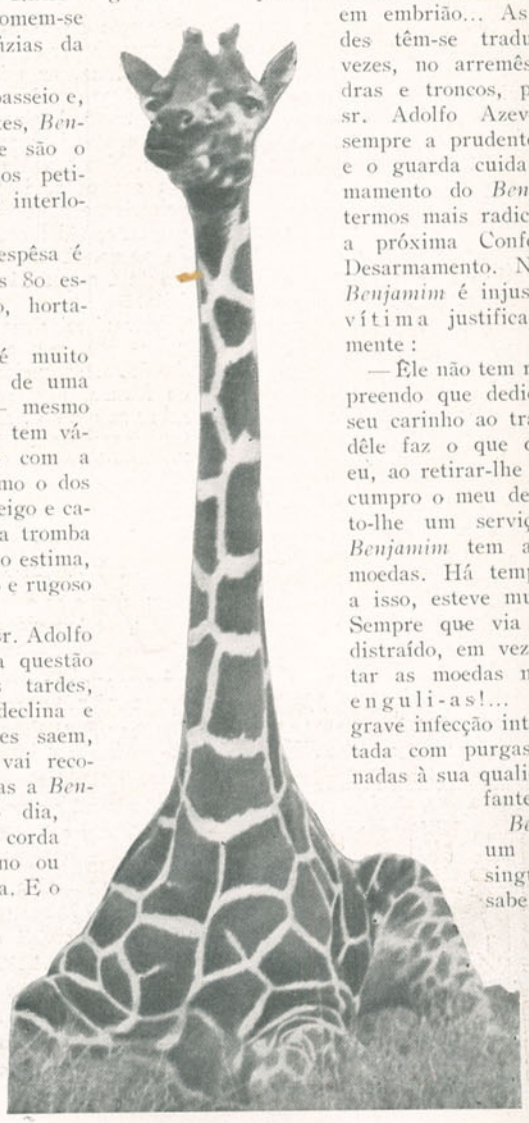
— Com êstes, a despêsa é muito superior. Uns 80 escudos diários... Pão, hortaliças, batata, feno...

Benjamim, que é muito inteligente e dispõe de uma fôrça formidável — mesmo para um elefante — tem várias vezes vergado com a cabeça um carril como o dos eléctricos. Agora, meigo e carinhoso, colhe com a tromba o tratador, que muito estima, e depõe-no no escuro e rugoso dorso.

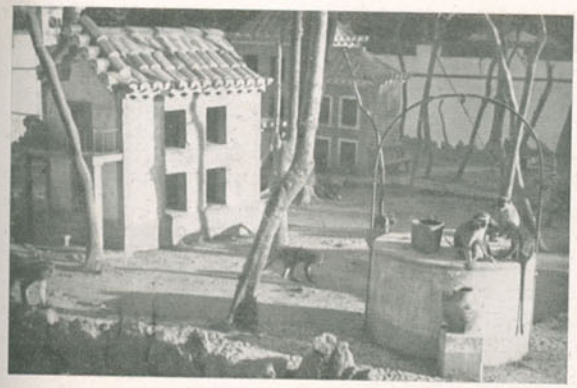
Mas entre êle e o sr. Adolfo Azevedo existe uma questão grave... Tôdas as tardes, quando o sol já declina e os últimos visitantes saem, aquele funcionário vai recolher as moedas dadas a *Benjamim*, durante o dia, para que puxe a corda de um pequeno sino ou assopre numa buzina. E o bicho, irritado com a quotidiana espoliação, entrega-se a demonstrações hostis, impróprias do seu temperamento dócil, o que nêle revela uma alma de usurário em embrião... As hostilidades têm-se traduzido, por vezes, no arremêsso de pedras e troncos, pelo que o sr. Adolfo Azevedo passa sempre a prudente distância e o guarda cuida do desarmamento do *Benjamim* em termos mais radicais do que a próxima Conferência do Desarmamento. No entanto, *Benjamim* é injusto e a sua vítima justifica-se amplamente:

— Êle não tem razão. Compreendo que dedique todo o seu carinho ao tratador, que dêle faz o que quere. Mas eu, ao retirar-lhe o dinheiro, cumpro o meu dever e presto-lhe um serviço. É que *Benjamim* tem a gula das moedas. Há tempos, devido a isso, esteve muito doente. Sempre que via o tratador distraído, em vez de depositar as moedas na caixa — enguli-as!... Daí, uma grave infecção intestinal, tratada com purgas proporcionadas à sua qualidade de elefante.

Benjamim é um elefante singular, quem sabe se um elefante de talento. Quando lhe dão moedas



A GIRAFA DESCANSANDO E OBSERVANDO...



A SULHENTA ALDEIA DOS MACACOS

de 20 centavos, do mesmo diâmetro das de 50, inspecciona-as e deita-as fora, recusando-se a tocar a campaínha por menor quantia. Êste verídico facto, presenciado todos os dias por inúmeros visitantes, demonstra bem a malícia de que é dotado.

Através das grades, os chimpanzés mostram-nos os focinhos expressivos, quási diríamos que humanos. Pensamos em Darwin e inteiramo-nos do tipo de vida daqueles nossos antepassados, superior ao da maioria dos homens:

— Assim que passam os ardores de Agôsto, acende-se a calefacção central, para que a baixa de temperatura não os penalise. São oito e neles predomina a *Catarina*, cheia de pretensões como uma autêntica mulher. Gastam uns 100 escudos diários e ingerem, fora outros alimentos, 14 litros de leite.

— Mas a despêsa do Jardim deve ser, então, formidável...

— Uns 1.200$00 diários ou, anualmente, 438 contos. Uma fortuna! Mas há que atender ao género de alimentação de cada bicho. Os flamingos, por exemplo, só comem camarão porque, de contrário, perderiam a sua côr rosada. No meio disto tudo, os leões são bichos económicos. Temos vinte, entre os enjaulados e os que estão ao ar livre. Muitos são filhos do *Bonito*, que é o veterano. Consomem, entre todos, cem quilos diários de carne. Êsta, sai-nos relativamente económica, porque se abatem cavalos impróprios para serviço, alguns oferecidos por dedicados amigos do Jardim.

A populosa e buliçosa *Aldeia dos Macacos* custa 100 escudos diários — o orçamento de uma casa farta... O resto dos habitantes do Parque das Laranjeiras, pode considerar-se *pessoal menor*... Mas o conjunto das despêsas de tanto bicho de pêlo e pena é impressionante.

UM CHIMPANZÉ EM POLEIRADO COMODAMENTE

Acompanhado do nosso amável *cicerone*, fazemos a nossa última visita. Agora, é o hipopótamo que, correspondendo à chamada do tratador, emerge das lodosas águas em que habitualmente refresca o avultado dorso. Êsse monstruoso descendente da fauna ante-diluviana, recebeu o grácil, frágil, etéreo nome de *Vénus*. Mas, apesar da bruteza do físico, nem por isso é insensível às moléstias.

O HIPOPÓTAMO E O SEU DENTISTA

Ainda há pouco tempo, a direcção do Jardim Zoológico teve de chamar, apressadamente, dois veterinários que, mercê de uma intervenção enérgica, própria de um hipopótamo, o salvaram da morte.

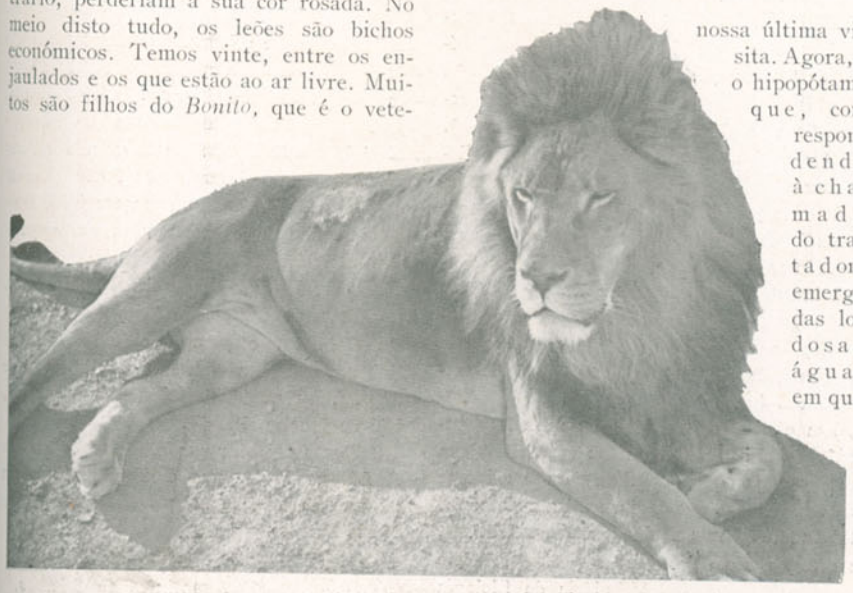
Já na retirada, deambulamos pelo recinto onde se aglomeram as moradias dos animais alígeros, talvez, de todos os habitantes do Jardim Zoológico, os mais sacrificados. Dão-lhes, sim, o biscato a horas, poupam-lhes canseiras: mas vivem dentro de gaiolas, furtaram-lhes, para todo o sempre, a magnífica liberdade e a glória do ar livre, da vastidão azul do infinito!

Assim as águias, essas, dão-nos uma visão que profundamente nos punge. O seu natural domínio é nos píncaros das mais gigantescas serranias: e agora, por escárneo, jazem numa prisão rasteira!

E, de súbito, vai-se-nos a imaginação para outras águias, águias humanas, aquelas que tendo gozado um dia a soberania e o fausto, noutro dia baixaram às condições do vulgo, caídos dos seus ombros a púrpura e os arminhos.

Afinal, percorrendo a mansão dos bichos, muito nos leva a concluir que entre êles e os homens são bastantes as semelhanças...

S. P.



O MAJESTOSO REI DAS SELVAS

LUSITANISMO BRASÍLICO

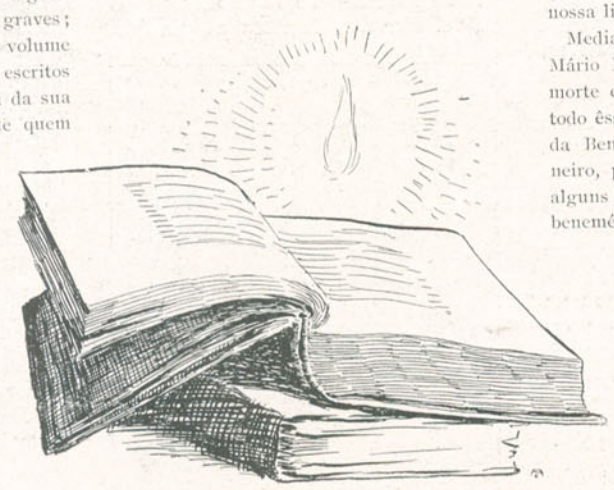
Nos últimos tempos (pode dizer-se que no decurso de pouco mais de um ano) tem a Morte ceifado um grupo de ilustres brasileiros, que além de nobremente honrarem o seu grande país, eram ali representantes e defensores das melhores tradições lusitanas.

Faleceu Artur Pinto da Rocha, formado e casado em Coimbra no nosso tempo, e que, regressando à sua pátria, ali entrou na política ao lado de Rui Barbosa e foi deputado federal, professor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, do Rio, e mais tarde lente da Faculdade de Direito da mesma cidade, sem deixar de dedicar-se a eruditas investigações históricas do maior interêsse.

Como advogado defendeu por vezes alguns nossos compatriotas de injustiças graves; como escritor e orador, coligiu num volume intitulado *Lusitânia* alguns dos seus escritos e discursos que melhor testemunham da sua simpatia com a nossa terra. Foi êle quem uma vez chamou lapidarmente a Portugal *a pátria da sua pátria*, e noutra ocasião definiu a constelação austral do Cruzeiro do Sul (que os nossos navegadores viram primeiro que nenhuns outros europeus) como sendo *a projecção das Quinas portuguesas no céu do Brasil*.

O bom e sábio Silva Ramos, antigo aluno da Escola Académica de Lisboa, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, filólogo insigne e indefectível paladino brasileiro da língua portuguesa, deixou de existir ainda não há um ano, em 15 de Dezembro de 1930. Do seu lusitanismo dá boa medida o trecho seguinte, da notícia necrológica a seu respeito publicada por *O Jornal*, do Rio de Janeiro: «A sua predilecção por Portugal levou-o até a uma singularidade interessante, pois, quando se criou essa instituïção (a douta Academia Brasileira de Letras) e houve mister escolherem-se patronos para as cadeiras, o professor Silva Ramos constituiu no caso uma excepção, tomando para seu patrono *um português:* Tomás António Gonzaga». Era esta uma pecha que a vista curta de certos lusófobos assacava a Silva Ramos, porque êsses não se lembravam de que o poeta da *Marília*, tendo realmente nascido no Pôrto, mas de pai e mãi naturais do Brasil, veio a morrer no degrêdo de Moçambique, como implicado na revolução *brasileira* do *Tira-Dentes*. Gonzaga era assim um símbolo perfeito do lusitanismo superior que Silva Ramos tão bem serviu, porque êsse poeta reüniu *in carne una* um clássico da língua portuguesa e um herói da independência brasileira.

Há poucos meses faleceu no Rio o advogado e erudito dr. Solidónio Leite. Esse educou-se e formou-se no Brasil, mas sempre de olhos voltados para as glórias e tradições que, sendo nossas na origem, constituem, pela continuidade lusitana que o Brasil representa no Novo Mundo, património comum às duas nações irmãs. Solidónio Leite era o feliz possuidor de uma biblioteca portuguesa riquíssima, onde nada faltava e que faria a inveja de qualquer dos nossos estudiosos e eruditos. Mas amava os livros não só para os *ter*, senão também, e prncipalmente, para os *ler*. E das suas leituras minuciosas e inteligentes resultaram valiosíssimos trabalhos de crítica literária, filológica ou histórica, como *Erros imperdoáveis* (estudo sôbre a tão discutida autoria da *Arte de furtar*); *Dicionário da Língua Portuguesa* (defesa da tradição lingüística lusitana contra o *brasileirismo* separatista de alguns compatriotas do autor), e *O descobrimento do Brasil*, lúcida e documentada monografia que termina pela tese (já aceita pelo insigne Vignaud e por outros investigadores estrangeiros) que todos os renovadores portugueses da história dos descobrimentos demonstraram: *Duarte Pacheco precedeu Cabral no Brasil em 1498*, e, portanto, as pretensas prioridades castelhanas (Hojeda, Pinzón, Diogo de Lepe) desfazem-se como fumo.



Em 9 de Setembro último, novo luto pesado para as duas Pátrias: com cinqüenta e dois anos apenas, vítima de um acidente de trânsito em que a sua surdez precoce foi talvez cúmplice da alheia responsabilidade, morre no Rio de Janeiro o professor Mário Castelo Branco Barreto, glória da filologia portuguesa no Brasil, mestre respeitadíssimo da língua comum, devoto paladino da sua conservação e pureza, e grande amigo de Portugal e da tradição lusitana.

Pertencia Mário Barreto, pela linha materna, à família de Camilo Castelo Branco, o que explica ao mesmo tempo a sua indefectível lusitanidade e o zêlo com que se dedicou a estudar a lingüagem do nosso grande escritor. Mas a sua vasta e profunda produção filológica, compendiada em sete preciosos volumes, não se limita ao estudo e exegese camiliana: é abundantíssimo repositório onde todo o português cuidadoso da sua língua encontra guia e ensinamento, e ao qual terá fatalmente de recorrer-se, quando se organize um bom dicionário de dificuldades da nossa lingüagem.

Mediaram meses entre o desastre de que Mário Barreto foi vítima, e a sua infausta morte em conseqüência dêle. Durante quási todo êsse tempo esteve internado no hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, para onde o foram buscar a sua casa alguns membros dirigentes da nossa colónia benemérita, com perfeita compreensão dos seus deveres e direitos. Numa casa portuguesa se apagou assim a luz da vida ao bom e glorioso amigo de Portugal. E as suas últimas palavras, reproduzidas por todos os jornais brasileiros com exemplar respeito, foram de grata despedida à nossa terra e à nossa gente: — *Morro satisfeito, porque morro numa casa de Portugal, e no meio de portugueses!*

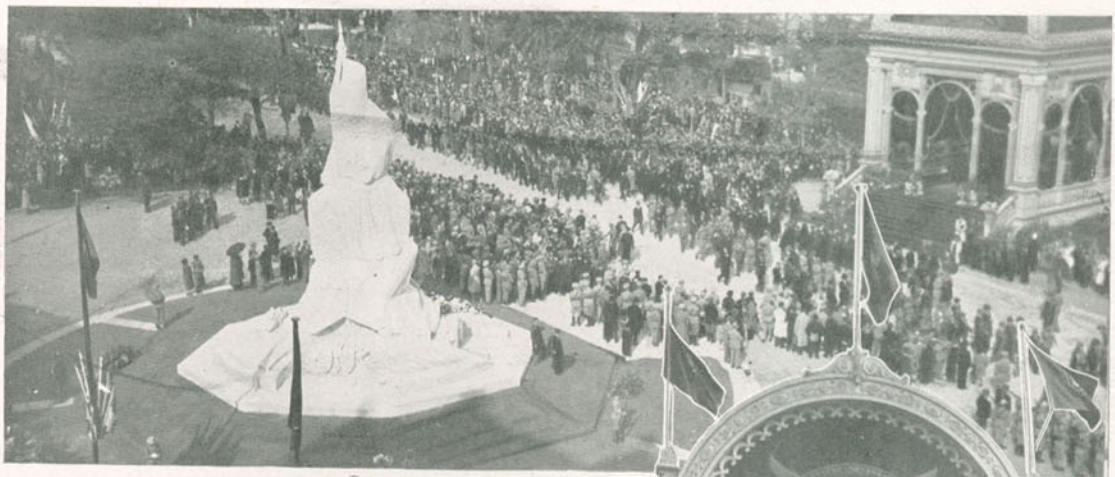
*

Um grupo de colegas, discípulos e amigos de Mário Barreto, a cuja frente se encontram os professores brasileiros srs. Pedro A. Pinto, José Oiticica e Jacques Raimundo, está organizando um *In Memoriam* do grande filólogo brasileiro e grande amigo de Portugal. Para essa obra de piedosa homenagem foi já solicitada a colaboração portuguesa, que de-certo acorrerá solicitamente e em abundância, devendo ser dirigida para o dr. Cláudio Basto, no Pôrto, para o dr. Joaquim de Carvalho, em Coimbra, e para o signatário destas linhas, em Lisboa — ou enviada directamente ao prof. Jacques Raimundo (Bambina, 93, X, Rio de Janeiro, Brasil).

Sabemos também que a excelente Revista *A Língua Portuguesa* está preparando um número especial, consagrado à memória de Mário Barreto.

Agostinho de Campos.

O 13.º Aniversário do Armistício



ASPECTO DA MULTIDÃO QUE SE JUNTOU EM FRENTE DO MONUMENTO A INAUGURAR

EM CIMA: O ELEGANTE PAVILHÃO ARMADO PARA O ELEMENTO OFICIAL ASSISTIR À CERIMÓNIA — À ESQUERDA: O MONUMENTO — EM BAIXO: O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA DEPONDO UM RAMO DE FLORES

Decorreram com vibração patriótica, as comemorações do 13.º aniversário do armistício, consagrado aos Mortos da Grande Guerra. Porém, em Lisboa, devido ao mau tempo, o monumento não foi inaugurado.

Teatro revolucionário em Espanha

UM DESFILE DE «TIPLES» REPRESENTANDO OS JORNAIS QUE SOFRERAM COM A CENSURA, NA REVISTA «LAS GATAS REPUBLICANAS»

TODOS os grandes períodos de revolução trazem conseqüências de ordem artística, reflectindo-se em tôdas as modalidades das artes plásticas. A revolução espanhola, em plena gestação, no seu período mais agudo, não podia fugir à regra. É verdade que ainda não tem um hino novo, é certo também que ainda não tem o seu grande pintor nem o seu poeta máximo, mas tem, em abundância talvez nociva, o seu teatro revolucionário.

Se êste teatro está à altura da grandeza revolucionária do momento, é aventurado dizê-lo. Quero crer que não. Mas a revolução está, repito-o, em plena ascensão, numa fase de magnífico esplendor, de grandeza tolerante, de elevação nunca vista em revoluções modernas. É portanto de esperar que o teatro que nesta revolução tem orígem esteja ainda em fase embrionária, que as pálidas produções de agora sejam apenas o prólogo de uma grande ressurreição dramática, quando surgirem, em plenitude do seu génio, o poeta, o pintor, o dramaturgo e o músico da revolução espanhola.

O teatro revolucionário espanhol padeceu, desde os primeiros momentos, da improvisação. Os últimos tempos da monarquia espanhola tiveram uma grande vibração dramática. A tragédia condensava-se, dia a dia, no horizonte sombrio,

BLANQUITA POZAS E O GRANDE ACTOR BURLESCO CASTRITO, NA REVISTA «VIVA LA REPUBLICA»

êsse céu em chamas que fazia cúpula ao Palácio do Oriente. A atmosfera carregava-se, momento a momento, como anúncio de uma tempestade terrível. Depois, vem o primeiro relâmpago, fúnebre, triste, com laivos sanguinolentos, essa faísca de Jaca cujo trovão foi a descarga que vitimou, junto do cemitério de Huesca, Fermin Galán e Garcia Hernandez. A República tinha mártires, teria decerto, dentro em pouco, lírica e dramaturgia. E efectivamente, em redor dos fusilamentos de Jaca, o último arrebato romântico da raça impetuosa que devia implantar um novo regime brandindo uma lista eleitoral em vez de uma escopeta, em redor dêsse obscuro caso de abnegação cidadã e de heroísmo se bordaram quási tôdas as obras de emoção do teatro revolucionário espanhol.

Dias depois da implantação da República aparece o primeiro drama, melhor, um melodrama truculento *Rosas de sangre ó el poema de la Republica*, do catalão Álvaro de Orriols e que, contado à guisa de folhetim de fascículos, com os seus tiranos de voz cavernosa e heróis arcangélicos, fêz o entusiasmo, a loucura dêsse povo desvairado pela sua súbita liberdade e espantado, atónito, ante a sua própria emancipação realizada com uma consciência cidadã que não julgava possuir.

O sucesso desta obra foi seguido logo

pelo sucesso de outras muitas. Dezoito dias depois da implantação da República, o maestro Penella apresentava o seu libreto e partitura da revista *Viva la Republica!*, êxito de interpretação mais do que do texto ou do pentagrama. Era a primeira obra musicada da revolução. E logo, em catadupa, *Las gatas republicanas*, revista também, pequenas comedietas e *vaudevilles* como *El nuevo régimen* do maestro Guerrero, e a comédia farsa com laivos de tragédia *Alonso XIII de Bom bom* em que se aproveitavam as caracterizações dos artistas para suprir o valor da obra. Aí, o monarca destronado era o protagonista, o sub-ditador Berenguer era o *General Merenguer*, o conde de Romanones era o *Ministro Vaticanones*. E as cenas de farsa política alternavam com o melodrama, mas sem o êxito esperado. Logo a seguir, surge a primeira obra de mérito de oportunidade. Apresenta-a a excelsa Margarida Xirgú. É um poema popular chamado *Fermin Galán* e sub-titulado de *Romance de ciego* e escrito, ao estilo do romanceiro popular, pelo insigne poeta Rafael Alberti. Aqui, pode ainda não haver teatro, mas há já altura literária, há solvência mental. Começa o auto, enquadrado numa enscenação magnífica de bonecos populares, pela cantilena do cego que, numa bandeirola pintada, vai mostrando as fases dêste novo romance de cavalaria andante. E começa a recitar a vida de Fermin Galán, essa figura verdadeiramente extraordinária que fica, como um símbolo, na história do mundo contemporâneo. E como na bandeirola do cego, vão desfilando no palco, em verso primitivo, popular, os quadros ternos, vibrantes ou sanguinolentos.

Não se pode dizer que Alberti conseguisse, com a sua estilização do popular, tocar o coração do povo. Era demasiadamente artística a sua estilização, demasiadamente cerebral a sua intenção. E como estas realizações cénicas são sempre eriçadas de dificuldades resultou apenas um consolador espectáculo teatral e uma obra poética que tem cenas de verdadeira antologia.

Voltou depois o revolucionarismo a inclinar-se para a revista. *Campanas à vuelo* foi considerada, pela crítica, uma revista política modelar. Não estou de acôrdo. Qualquer das nossas velhas revistas, quando a política servia de tema a vários quadros de farsa ou de crítica mordaz, valia quinhentas vezes mais do que *Campanas à vuelo*, se exceptuarmos a deliciosa música do maestro Alonso.

As carcereiras da República, personificadas pelas «triples» Mira e Blanquita Rodrigues, em «Campanas à vuelo»

Um ministério republicano da maior fantasia, presidido por Conchita Dorado, na mesma revista

No entanto, esta peça que se está eternizando nos *carteles* madrilenos possui situações realmente felizes. A entrada em acção é original e felizes as cenas do novo ministério feminino. Mas a gargalhada do público culmina no quadro de comédia em que se estiliza uma cela de penitenciária tal como humanitàriamente a queria a ilustre directora das prisões Victoria Kent, que, seja dito de passagem, é uma das figuras mais verdadeiramente de destaque da actual camada política espanhola.

Nessa cela modêlo, em que as carcereiras andam quási como no paraíso da mãi Eva, o conforto é magnífico, os mimos são constantes, a vida amável e aprazível. A tal ponto se estima o delinqüente que, no fêcho da comedieta, quando o oficial da prisão vem comunicar o indulto ao prêso, êste entra de confessar, afanosamente, vários crimes horríveis para que o condenem a maior pena. E como não consiga senão fazer brotar no representante da Justiça lágrimas humanitárias de comiseração, acaba por lhe propinar uma sova mestra que lhe valerá nova pena a cumprir naquele paraíso... com pecado e maçãs...

A obra, apresentada com um conjunto de *triples* formosíssimas, é, como disse, um dos êxitos firmes de Madrid nesta ocasião. A par desta revista também se representou uma obra política, *El fantasma de la monarquia*, obra pensada, com tendências transcendentes, obra de pretensões grandes, mas que não conseguiu mais do que três ou quatro dias de representação.

No entanto, a febre do teatro revolucionário vai passando. O público cansou-se depressa de especulações. Mas a revolução espanhola ainda não tem a sua obra de teatro... o seu dramaturgo! Verdade seja que ainda não tem o seu pintor nem o seu músico... e, verdade, verdade, ainda não deixou de ser revolução!

E assim, ainda não é tarde...

João de Sousa Fonseca.

Vida Elegante

Na Embaixada Espanhola

Decorreu com extraordinária animação o chá que na tarde de sábado, 7 do corrente, se realizou nos salões do Palácio de Palhavã, onde se encontra instalada a Embaixada Espanhola, em honra da oficialidade do *destroyer* do país vizinho, *Almirante Juan Ferrandiz*, que veio a Lisboa tomar parte na grande festa da «Marinha de Guerra Portuguesa» que seria efectuada no domingo último, no Estoril, se o tempo tivesse permitido.

Os salões da Embaixada viveram, nessa tarde, algumas horas de um extraordinário prazer espiritual.

Ali se reüniram, além de alguns membros do Govêrno, elementos do Corpo Diplomático e entidades oficiais, que se faziam acompanhar de senhoras de sua família.

Em vista do mar se encontrar muito agitado, a oficialidade do vaso de guerra espanhol não pôde comparecer.

As honras da casa foram feitas pelo ilustre diplomata em Portugal, sr. D. Juan José Rocha, e por todo o pessoal da Embaixada e Consulado.

A festa foi abrilhantada por uma exímia orquestra «jazz-band», que executou um variado programa de músicas modernas.

Casamentos

Com muita intimidade, realizou-se em Beja, na capela da Casa da Bica, que se encontrava artisticamente engalanada, com grande profusão de flores e lumes, o casamento da sr.ª D. Alda da Cunha Fraga, gentil filha da sr.ª D. Luísa da Cunha Fraga e do sr. Manuel Fraga, com o distinto engenheiro sr. João de Azevedo Pacheco Sacadura Botte, filho da sr.ª D. Maria da Ascenção Mendes Oliva Sacadura Botte e do meretíssimo juiz de direito aposentado sr. dr. João Pacheco Sacadura Botte, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da Casa da Bica, residência dos pais do noivo, um finíssimo lanche. Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.ª D. Alice Carneiro, interessante filha do sr. Jerónimo José Carneiro, com o sr. Filipe Côrte Real filho do falecido sr. Joaquim Côrte Real e da sr.ª D. Laura Proença Fortes de Barros, e enteado do major sr. José de Barros.

A SR.ª D. ALDA DA CUNHA FRAGA E O ENGENHEIRO SR. JOÃO DE AZEVEDO PACHECO SACADURA BOTTE, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA CAPELA DA «CASA DA BICA», EM BEJA, RESIDÊNCIA DOS PAIS DO NOIVO

A cerimónia deverá realizar-se êste ano.

— Em Paris, na igreja de St. Ferdinand des Termes, realizou-se o casamento da sr.ª D. Marta Pereira Iniguez, distintíssima senhora da Colónia Chilena, em Paris, com o nosso compatriota sr. Dr. Camilo de Castelo Branco, filho da sr.ª D. Augusta de Azevedo Castelo Branco e do falecido conselheiro sr. José de Azevedo Castelo Branco, que há anos vive em Paris, onde conta inúmeras simpatias no meio aristocrático da capital francesa, tendo servido de padrinhos os srs. D. Henrique Pereira, irmão da noiva, e José de Azevedo Castelo Branco, irmão do noivo.

A cerimónia religiosa assistiram, além da mãi e irmão do noivo, que foram ali de propósito, grande número de famílias da colónia sul-americana em Paris.

Os noivos seguiram para Fontainebleau, onde foram passar a lua de mel, devendo partir em breve para o Chile.

— Foi pedida em casamento, no Funchal, pelo sr. Feliciano de Brito Correia, inspector aposentado das Alfândegas, para seu neto, o sr. dr. José Luís de Brito Gomes (Canavial), filho do sr. António Clemente Gomes, já falecido, a sr.ª D. Maria das Mercês de Sousa Bettencourt da Câmara, gentil filha do sr. Tristão Pedro Bettencourt da Câmara, funcionário superior da Casa Hinton e director da companhia de seguros «Aliança Madeirense», devendo a cerimónia realizar-se talvez ainda êste ano.

Nos salões

Festejando o seu aniversário natalício, ofereceu o sr. Carlos Huson, na sua bela vivenda «Vila Maria Josefina», no Monte Estoril, um pequena festa íntima que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, assistindo apenas pessoas de família e amigos muito íntimos.

O ilustre dono da casa e sua esposa, a sr.ª D. Maria do Carmo de Noronha Huson, tiveram ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter, rodeando os seus convidados de cativantes amabilidades.

GRUPO DA ASSISTÊNCIA AO CHÁ REALIZADO NOS SALÕES DA EMBAIXADA ESPANHOLA, EM PALHAVÃ, NA TARDE DE 7 DO CORRENTE, EM HONRA DA OFICIALIDADE DO DESTROYER «ALMIRANTE JUAN FERRANDIZ», VENDO-SE AO CENTRO O SR. D. JUAN JOSÉ ROCHA, ILUSTRE EMBAIXADOR EM PORTUGAL

No Lisboa Gimnásio Club

Realizou-se na noite de sábado, 7 do corrente, na sede do Lisboa Gimnásio Club, modelar instituto de educação física, uma sessão solene, para distribuição de prémios, seguida de baile.

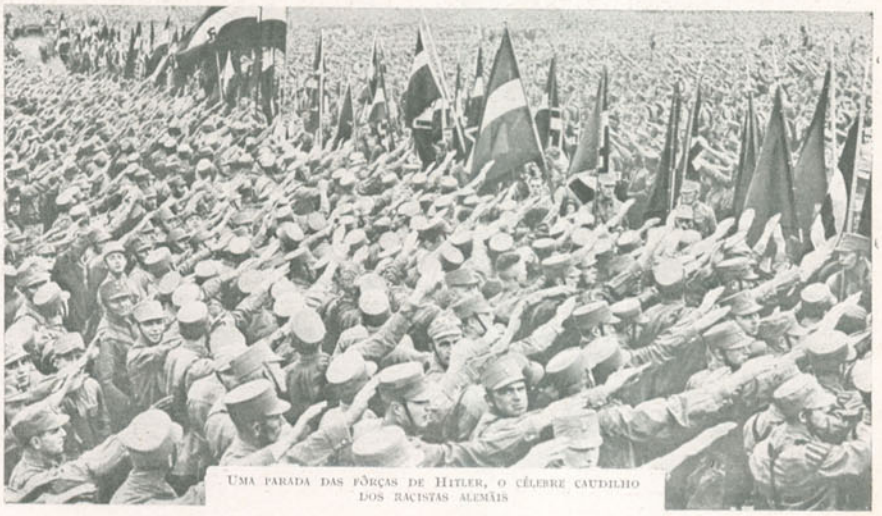
Tanto a sessão solene como o baile que se seguiu decorreram com extraordinário brilhantismo, oferecendo os salões um aspecto verdadeiramente encantador.

D. Nuno.

PELO MUNDO

AO ALTO — S. M. HIRO-HITO, IMPERADOR DO JAPÃO. A SEGUIR — S. M. A IMPERATRIZ NAGAKO, EM BAIXO — O MINISTRO DA GUERRA JAPONÊS, GENERAL JIRO MINAMI

A PROPAGANDA CONSERVADORA, PELO CARTAZ, NAS RECENTES ELEIÇÕES INGLESAS



UMA PARADA DAS FÔRÇAS DE HITLER, O CÉLEBRE CAUDILHO DOS RACISTAS ALEMÃIS

Aniversário da Proclamação da República Brasileira

Comemora-se hoje, 15 de Novembro, mais um aniversário do regime republicano

na grande Nação americana, a que tantos laços fraternais nos ligam e que, devido à inteligente acção administrativa encetada pelo govêrno a que preside o sr. dr. Getúlio Vargas, está a caminho de um período de larga prosperidade e de firme regeneração financeira.

LIVROS NOVOS

Visitaram esta redacção mais alguns livros recentemente publicados. Embora a certos dêles nos proponhamos fazer uma referência mais ampla, de conformidade com os seus méritos, registamo-los já nesta página da nossa revista: *A Virgem*, por Nuno de Montemór; *Africa Misteriosa*, por Julião Quintinha, nova edição; *Loucura do Ideal*, por Marcelino Lima; *Au fil des jours...*, por Augusto Osório; *Meridionais*, por Tomaz d'Eça Leal, e *Tropical*, de Luiz de Andrade Filho.

FIGURAS E FACTOS

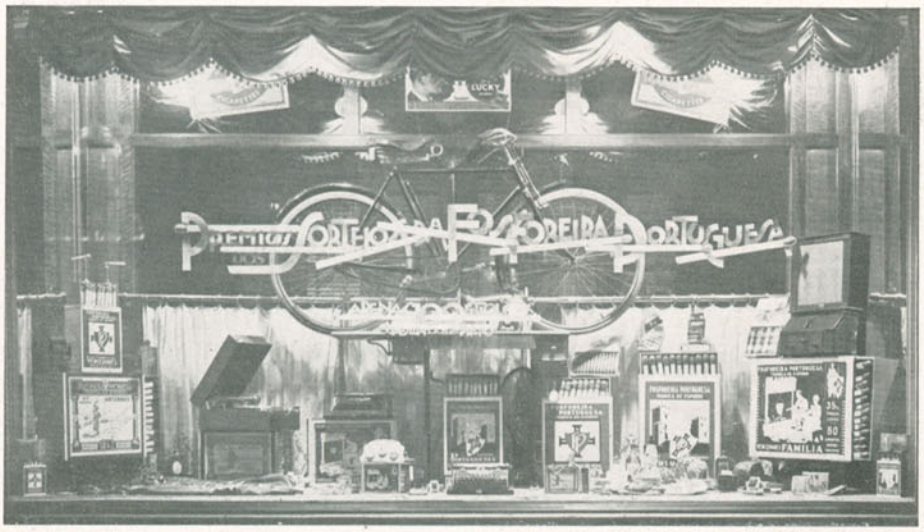
FERREIRA DE CASTRO

Tem estado gravemente enfêrmo, no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, o distinto escritor e jornalista sr. Ferreira de Castro, um dos mais firmes valores das novas gerações literárias. Que em breve o possamos ver na *Ilustração*, a cujas páginas tem já, por várias vezes, dado brilho, — é o nosso voto bem sincero.

Para que os assinantes da *Ilustração* tenham direito ao prémio que pertencer ao n.º 11.339 é indispensável que renovem as suas assinaturas antes de 15 de Dezembro.

FOI AGRACIADO COM A COMENDA DE CRISTO O SR. GUILHERME CARDIM, PRESIDENTE DA SOCIEDADE DE PROPAGANDA DA COSTA DO SOL. BEM MERECIA ESSA MERCÊ QUEM TANTOS ESFORÇOS TEM DISPENDIDO NO PROGRESSO DA REGIÃO DOS ESTORIS

UM ASPECTO DA «PASSAGEM DE MODELOS» NA CONCEITUADA CASA EDUARDO MARTINS & C.ª, L.da, DURANTE A SEMANA DO TRABALHO NACIONAL



UMA ARTÍSTICA MONTRA, QUE FAZ PARTE DO MESMO CERTAME E QUE EXPÕE OS PRODUTOS DA IMPORTANTE COMPANHIA «A FOSFOREIRA», ASSIM COMO OS VALIOSOS PRÉMIOS QUE ELA VAI DISTRIBUÍR PELOS SEUS COMPRADORES

Concurso fotográfico de flagrantes para amadores

A *Ilustração* iniciará no próximo número de 31 de Dezembro um concurso fotográfico de instantâneos de movimento, publicando tôdas as fotografias que lhe sejam enviadas e que representem flagrantes. Indispensável é que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6×9 nem superior a 18×24. As fotografias que satisfaçam as condições do concurso serão publicadas com o seu número de ordem.

Haverá, pelo menos, seis prémios

Um para a fotografia que represente mais originalidade.

Dois prémios para as duas fotografias imediatamente classificadas também pela sua originalidade.

Outro para a fotografia cujo número seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o primeiro prémio da próxima lotaria de Santo António.

E ainda mais dois prémios para as duas aproximações a êsse número.

A *Ilustração* recebe *desde já* fotografias para o *Concurso*, cuja publicação será iniciada na data acima referida. Indispensável é que cada prova traga nome e residência do concorrente.

REVISTA DAS ESTREIAS

Cinema

A época cinematográfica que agora começa a atingir tôda a sua plenitude apresentou-se, de princípio, a todos que por assuntos de cinema se interessam, cheia de aspectos sombrios e desanimadores.

A série imensa de problemas levantados à indústria da exibição pela transformação do cinema silencioso em cinema sonoro, pode dizer-se que atingiu entre nós o seu momento crítico e decisivo. Tôdas as salas de primeira categoria se encontram adaptadas ao fonocinema. É êste, portanto, que terá em todos os casos de constituir o espectáculo a oferecer ao público, afastada como deve estar, para sempre, a ideia dum regresso ao cinema silencioso.

Para o exibidor o problema resume-se em encontrar filmes que possam ser apresentados com êxito. E êste problema encontra-se agravado com a questão das línguas. O público vai-se recusando a ouvir filmes dialogados numa língua estrangeira. Acorre a princípio por curiosidade, movido pelo desejo de conhecer a voz duma *estrêla* célebre. Mas fatiga-se a breve trecho, e a sua ausência faz-se sentir nos cinemas.

É claro que esta regra não atinge os filmes de primeira categoria, aqueles que por excepcionais qualidades se impõem à nossa admiração. Removido o obstáculo das diferenças de idiomas por uma inteligente colocação de legendas, o público continua a dispensar-lhes o mesmo carinhoso acolhimento.

E o problema encontrará, portanto, uma solução na medida em que fôr possível aos exibidores apresentar nos nossos cinemas produções de real valor.

Entre as películas exibidas ùltimamente, algumas houve já que provaram não ter o cinema, a-pesar de falado, perdido completamente o carácter de universalidade que era a sua melhor prerogativa. Outras se anunciam ainda que deverão alcançar seguros êxitos. E até que o assunto seja arrumado de vez por uma produção nacional, tudo nos indica que o cinema não perderá o favor do público.

Um dos filmes recentemente estreiados que maior movimento de curiosidade desenvolveu foi *Romance*. Greta Garbo, o *lírio da Suécia*, a *esfinge escandinava*, como lhe têm chamado os seus inúmeros admiradores, em transportes de lirismo, ía, enfim, falar. E no silêncio da sala imensa do São Luís a sua voz ressoou, afinal, grave, rica de modulações, coleante e cariciosa, mas muito diferente da que todos nós lhe havíamos, na liberdade da nossa imaginação, atribuido. *Romance*, que é a transposição cinegráfica da obra de teatro interpretada entre nós por Amélia Rey Colaço, não nos agradou. O realizador não soube fugir às influências da peça teatral. O filme ficou esmagado entre cenários. Vive apenas pelo diálogo, com êsse assecto sombrio e ardo que falta ao dinamismo próprio ao cinema. Aparte isso, a realização é acertada e a interpretação, insuprimível. Greta Garbo é a mesma grande actriz que admirámos em todos os seus filmes. Lewis Stone, o extraordinário *Conde de Pallen* de *O Pado*, dá pelo seu paterpretação impecável. Gavin Gordon, dotado dum físico que lhe inspirou poucas simpatias, mostrou ser um actor de recursos, digno de contracenar com a grande Greta Garbo.

ANITA PAGE, SÍMBOLO DA VÉNUS MODERNA

As transposições para o cinema de obras teatrais fizeram-se ainda representar por *Mam'zelle Nitouche*, uma opereta que fêz a sua época há uns bons cinqüenta anos, e que os novos de hoje conhecem por uma reposição de Auzenda de Oliveira, feita há alguns anos já. Ao contrário de *Romance*, *Mam'zelle Nitouche* teve uma feliz adaptação ao cinema. Nada evoca neste filme a acção, forçadamente uniforme, da peça teatral. Anny Ondra, a espirituosa Anny de tantos filmes de sucesso, tem neste, a que nós consideramos sua melhor interpretação. O som foi aproveitado de forma inteligentíssima. Sem êle não teria sido possível a maioria das cenas. E a obra atinge, afinal, êsse admirável resultado — fazer-nos sorrir de optimismo do comêço ao fim, e arrancar-nos algumas gargalhadas de bom-humor.

O Tivoli, por seu lado, deu-nos *1980*, um filme de cartaz, cuja apresentação foi precedida na América duma enorme propaganda. *1980* é uma visão anedótica do mundo daqui a cinqüenta anos, e isso constitui só por si um título de propaganda. Tôda a obra se encontra recheada dessa fantasia simplista dos norte-americanos, que está imensamente distante da fantasia simbólica de Fritz Lang em *Metropolis*, e em que tudo concorre exclusivamente para a obtenção de efeitos cómicos. Há por vezes neste filme passagens dum acentuado mau gôsto, como são afinal quási tôdas as que se passam no planeta Marte. Mas àparte isso, há cenas cheias de imprevisto e comicidade e uma interpretação agradável de quási todos, e especialmente de El Brendel, o notável cómico que já conhecíamos de *Um sonho côr de rosa*.

No Central vimos *Espionagem*, uma produção da *Ufa* que tem a recomendá-la a sua excelente realização técnica. Brigitte Helm e Willy Fritsch desempenham bem os principais papéis. O filme consegue emocionar e prender a atenção do espectador, mas sofre nas últimas cenas da influência de conceitos comerciais, cujo uso se vai infiltrando cada vez mais na produção alemã. Essa preocupação dá ao filme um desfecho absurdo, embora feliz, que prejudica a unidade da obra.

Alta sociedade que nos restituíu o par célebre de *A hora suprema* — a minúscula Janet e o seu gigantesco e atlético Charlie, — pouco sucesso alcançou. Há neste filme bôas cenas em que o ridículo atinge proporções de tragédia. Mas, em conjunto, a acção é lenta e discontínua. E o par outrora famoso está já longe de possuir o prestígio de por si só justificar um filme.

A indústria nacional, da qual é forçoso esperar um remédio para a actual situação do cinema em Portugal, continuou a ser representada pela exibição, no Politeama, de *A Severa*. O público dispensou-lhe ainda um animador acolhimento que deve servir de incentivo aos que para essa indústria trabalham.

Do que deixamos dito pode concluir-se que a produção estrangeira de categoria é insuficiente para alimentar o nosso mercado, e que qualquer outra não poderá ser apresentada com êxito comercial. Para evitar que o público abandone os cinemas, é indispensável, portanto, organizar uma indústria nacional. Isso só poderá fazer-se com capitais, energias e inteligências e não com perigosos desregramentos de imaginação, que são o principal fundamento de grandiosas empresas, cujo primeira acto de vitalidade consiste em *produzir* entrevistas cheias de fantasiosos projectos.

MANUEL L. RODRIGUES.

NOTA DA QUINZENA

Espectáculos para as crianças

Cuida-se pouco, entre nós, das crianças. O seu ensino, as suas diversões, numa palavra, a formação do seu espírito, não merecem, em geral, a atenção a que têm indiscutível direito. O português, por natureza sentimental, desvia-se com facilidade dos aspectos práticos da vida. E daí, o rodear a criança de carinhos e precauções, muitas vezes inúteis ou perigosos, esquecendo tanta outra coisa que poderia influir benèficamente na sua evolução.

Se se pretende, por exemplo, proporcionar uma tarde de diversão a uma criança, não raro se opta pelo cinema. Êste género de espectáculo poderia ser, de facto, o que mais aproveitasse ao seu espírito ansioso de conhecimentos. Mas raramente isto acontece. Ante os seus olhitos curiosos perpassa, na maioria dos casos, um dêstes «filmes de fundo», recheados de subtilezas psicológicas, de choques de paixões, que lhe deixam no espírito um mundo de ideias indefinidas e inúteis. E no entanto, seria talvez fácil organizar espectáculos destinados às crianças. Seria até, estamos certos, lucrativo, o que é importante, dado que os mais elevados fins têm de se subordinar a factores de ordem económica.

Há nesta ideia um perigo que é necessário evitar. O cinema que deve ser apresentado às crianças em espectáculos para elas especialmente organizados, pode ser educativo. Não deverá ser nunca professoral. Terá que constituir, em primeiro lugar, um espectáculo de que resultem naturalmente os conhecimentos. Não poderá ter o objectivo árido e imediato de ensinar.

Em vez de gráficos ou definições, deve ter imagens que contem os maravilhosos aspectos da vida. Em vez de entrechos sentimentais e inúteis, a própria sucessão natural das imagens. Não pode haver receio de que o interêsse que o espectáculo deve suscitar diminuia por isso. Um grande documentário, revelando os segredos da imensa selva africana, prende tão bem o interêsse dum auditório infantil como o mais artificioso conto de fadas, com evidente vantagem para o espírito dos que assistem à sua exibição.

Poder-se-iam organizar, entre nós, programas apropriados a esta elevada missão?

Não faltam entre os filmes já estreados em Portugal alguns que, no todo ou em parte, reünam as condições necessárias. Temos, em primeiro lugar, todos os documentários de categoria, de que podemos citar, ao acaso: «Chang», «Rango», «Pori», «Moana» e tantos outros que o público já conhece e que as plateias infantis receberiam alegremente. Depois toda a já extensa série de documentários culturais da «Ufa», muitos dos quais já têm sido apresentados nas nossas telas, servindo de complemento de programa. Ou ainda os da «British Instructional Pictures», de que vimos o ano passado algumas valiosas produções.

Há que reformar a educação e o cinema pode contribuir para isso, largamente, tirando-lhe o aspecto «conselheiral» que herdou do século passado e transformando-a numa agradável série de «lições das coisas». Basta para isso reünir alguns filmes que se encontram dispersos e organizar com êles programas racionais destinados ao público infantil, que não deixará de corresponder à chamada do exibidor que se disponha a fazê-lo.

Inútil nos parece afirmar que os filmes cómicos hàbilmente escolhidos terão de fazer parte integrante dum programa bem organizado. As gerações que agora se formam precisam, mais do que nunca talvez, de optimismo e confiança para encarar àmanhã a vida. E o riso é a síntese dessas valiosas atitudes em face da luta.

Walt Disney, o animador de *Mickey, o rato*, projecta introduzir em breve a côr nos seus trabalhos. Os desenhos animados ficarão assim dispondo de mais êsse elemento, e conhecida a fantasia inesgotável dêste artista pode esperar-se que encontrará nele meio de aumentar ainda mais o interêsse das suas prodigiosas criações.

NO MEDALHÃO: GRETA GARBO, EM BAIXO: KAREN MORLEY

A VOZ DAS "VAMPS"

Uma inconfidência do cinema falado

Entre os variados caracteres que o cinema nos tem feito conhecer, têm um lugar bem distinto e àparte as *vamps*. A *vamp* é, como o leitor bem sabe, a mulher fatal, inconscientemente cruel e preversa, cujos beijos têm doce veneno e cujas carícias esmagam destinos. É a encarnação da lendária perfídia feminina, alguma coisa que se apetece e de que se foge, que atrai e fascina para perder.

Sempre que no *écran* perpassa a sua beleza sombria, é nela que se concentra todo o interêsse da assistência. Os homens desejam-na; as mulheres invejam-na. Talvez porque ela é a última aparência do romantismo, que sobreviveu até à nossa época de ingénuas desportivas.

A *vamp* é ainda o símbolo dum carácter que acreditamos existir na vida, mas que só existe afinal na imaginação do homem. A mais vulgar das mulheres pode encher um dia de torturas o coração dum homem. E êle não deixará de lhe atribuir as mais perigosas seduções.

Mas, talvez mesmo porque é irreal, êsse tipo gravou-se profundamente nos espíritos e adquiriu uma importância primordial na acção da maioria dos filmes que o mundo vai produzindo. E algumas actrizes atingiram a consagração nesse género de papéis.

Foi primeiro Lya de Putti, a beleza sensual de *Variedades*. Depois, Jetta Goudal, a artificiosa artista hoje quási esquecida. E mais tarde, Brigitte Helm e Greta Garbo.

São estas últimas que concentram hoje todo o interêsse do público. O cinema criou às suas vidas, que dizem ser simples e de ambições modestas, as aparências da sedução preversa, da pérfida tentação. Greta, em especial, atingiu os limites extremos da admiração do público.

Todos os adjectivos de tôdas as línguas foram depostos aos pés da mulher que nos seus filmes faz correr os homens para a deshonra, para a loucura e para a morte. A sua beleza enigmática, fria e sensual, fascinou multidões. Brigitte Helm, por seu lado, longe de atingir esta espantosa popularidade, soube marcar também um tipo bem definido que lhe grangeou merecida fama. A sua beleza, sem ter todo o poder de sugestão da de Greta Garbo, tem, contudo, alguma coisa de indefinível, de involuntàriamente fatal.

Um bailado de Lolloy Schütze

Mais duma vez a pregunta nos ocorreu nos tempos em que o cinema vivia só pela imagem:

Como será a voz destas modernas sereias? De que encantos e modulações estranhas se revestirá para melhor realizar os seus fins de sedução?

O fonocinema tornou possível a satisfação da nossa curiosidade. Um acaso de programas deu-lhe resposta com um intervalo de curtos dias.

Um segrêdo que se perde não pode nunca contribuir para aumentar uma sedução. Greta Garbo e Brigitte Helm, cujas vozes nos foram reveladas com um intervalo de poucos dias em *Romance* e *Espionagem*, não aumentaram, portanto, o seu prestígio descobrindo-nos a sua voz. Contudo, deve-se reconhecer que embora distantes duma ideal perfeição, se aproximam bastante do carácter do seu papel.

A voz de Greta Garbo é grave, cheia de modulações que encantam o ouvido. Apetece ouvi-la falar longo tempo. Há como que uma música de sedução nas suas palavras.

Brigitte Helm fala com lentidão. A sua voz é velada, tem como que a marca dum destino cruel que a obriga a uma fatalidade inconsciente. Torna mais sombria a sua beleza fascinadora.

Apesar disso, como já dissemos, nenhuma criou novas armas de sedução. A voz contribuiu mesmo para lhes roubar o que tinham de mais imaterial. Aproximou-as da vida, afastando-as do ambiente irreal que as cercava.

Mas se as *vamps* nada acrescentaram ao seu poder de sedução sôbre o público, revelando-lhe a sua voz, ganharam com isso os seus admiradores que puderam, dêste modo, aproximar-se delas e possuir um dos seus maiores segrêdos. E é muito possível que dentro de algum tempo cada um dêles possa ter junto da fotografia predilecta um disco que, infatigàvelmente, lhe vá repetindo dôces palavras de sedução, na voz perturbante da sua *vamp* preferida.

E a voz das *vamps* poderá, assim, correr mundo...

Será então mais cómodo sonhar. E, como em cinema, a indústria está sempre ligada à arte, resultará disto, com certeza, mais um lucrativo negócio.

Solilóquios e Comentários

Conta-se que, apresentado um álbum a João de Deus, êste esquiçara nêle um Cristo que não terminou, devolvendo-o assim. E que insistindo a possuidora pela conclusão, João de Deus rasgara a página ou apagara o desenho, escrevendo: «Ressuscitou. Não está aqui!» Lembrou-me isto, a propósito de Carlos Reis. Pedi-ram ao grande mestre da pintura portuguesa um desenho num álbum. Insistiram. O artista rescitou o álbum, mas com os seguintes versos, duma feliz ironia em lugar do desenho:

«Segundas, quartas e sextas
Nunca nos álbuns desenho.
Às terças, quintas e sábados
Todos os álbuns desdenho.
.....
Aos domingos, tôda a gente
Desenha pèssimamente...»
.....

Carlos Reis mostrou uma nova facêta do seu temperamento artístico, e a dona do álbum nada perdeu, pois o autógrafo *poético* não é menos precioso que o desenho do pintor.

*

E por falarmos em Carlos Reis. Na sua casa da Louzã, no terraço de onde se avistam longínquos horizontes desta nossa terra abençoada, fêz o dono da casa erguer um monumento a Silva Pôrto, seu mestre e seu amigo, monumento que resgata um pouco a ingratidão colectiva. Carlos Reis, reünindo umas tantas pedras em homenagem ao mestre quási esquecido, furtou-as a que com elas lhe não possam apedrejar a memória. Bem haja por isso.

*

Morreu e enterrou-se em Lisboa um *az* do *foot-ball*. Chama-se assim na linguagem mascarada de cinema que é moda agora. Tempo em que tudo se joga, não admira que as figuras que antigamente passavam da vida para as cartas, passem hoje das cartas para a vida. Mas, como íamos dizendo. Morreu e acompanharam-no à última morada cêrca de 30.000 pessoas.

.....

Dei-me a considerar que no funeral de Camilo se encorporaram seis ou oito trens, no de Silva Pinto doze pessoas e no de Gomes Leal não chegava a uma centena. E, suprema ignomínia que eu presenciei, um discursador qualquer, perante o seu caixão, cada vez que tinha que lhe recordar o nome, cada vez o substituía por Cunha Leal. Considerando, surpreendi-me a pensar que diria a um filho, se o tivesse: — Rapaz! Isto de ser grande homem em Portugal é uma treta. Junta dinheiro, amealha — honestamente, se puder ser. Aprende a dar pontapés. Pontapés no parceiro e pontapés na bola. Olha o Pepe. Entrou, dizem desvanecidamente os jornais, em 350 jogos. O meu canário, que é danado para as matemáticas, conclui que, por cada jôgo, 850 admiradores. O Camilo escreveu quási 350 livros e não chegou a ter um quarto de pessoa, por volume, a despedir-se.

— Ó pai: mas põem o nome da gente numa rua.

— Estúpido!

Caía o crepúsculo docemente. Hora de sonho, uma suave melancolia envolvia a terra tôda, e entrava nas almas, calmamente. E entrou comigo o desejo de lhe dizer meia dúzia de palavras feias, grosseiras, ordinárias, plebeias, aquela meia dúzia de palavras ma-rujais que devem acompanhar um homem para com elas lapidar o próximo ao verificar que são a única terapêutica viril da indignação que nem a estupidez humana nem o poente nostálgico são capazes de transformar em poesia.

*

Vai um pânico nos restaurantes porque a lista das comidas não pode mais enfeitar-se com inglesias ou francesices internacionais. Adeus *Rumpsteak pommes paille*, adeus *entrecot maitre d'hotel*, adeus *rim à la brochette*. Não mais *civet* de lebre, nem pargo ao *gratin*, nem *pommes soufflés*. Daqui em diante, embora comamos à francesa, há de ser à portuguesa que o pedimos. A *omelette* fica omeleta, o *à la brochette* fica no espêto, que é da culinária portuguesíssima. Em lugar de *civet* de lebre dar-nos-ão lebre guisada, que não é pior por isso. As batatas ao *soufflé* passam a ser batatas empoladas, o *gratin* aporteguesou-se em gratinado, o *gigot* volta ao gigote seiscentista, o *sauté* fica salteado. Será um bem. A culinária é uma ciência que em Portugal anda um pouco desprezada, mau grado os livros de Bento da Maia, do velho Plantier e do moderno e catedrático *Oleboma*. E, todavia, tendo sempre sido Portugal uma terra onde se come bem, ainda há pouco um estrangeiro me preguntava onde estavam os restaurantes típicos portugueses. Não há. Em França, a sua Carta gastronómica diz-nos dos pratos regionais. Aqui, não. Não há cozinha à portuguesa nos restaurantes de Lisboa, tirante dois ou três pratos mais gostados, quási impostos. A dobrada à moda do Pôrto, o chispe com hervas, o bacalhau à Gomes de Sá ou o arroz de substância. Em compensação, não falta o linguado à Meunier ou à Colbert, os tournedós à americana, o arroz à valenciana, o bacalhau à biscainha, a eiroz à bordalesa, a pescada à milanesa e o frango à Marengo. Mas não se arranja uma cabidela, um gaspacho ou uma açôrda, umas sardinhas albardadas, uma caldeirada à fragateira, um bacalhau à portuense, umas coisas que à gente apetecem e nos restaurantes não há. Antigamente ainda se podia levar um estrangeiro às iscas, à travessa do Cotovelo, para manducar uma coisa saborosa, acompanhada de uma conserva própria, feita de tiras muito finas de cenoura e pimentos em vinagre, que o galego que a preparava, em homenagem ao consumidor, denominava conserva à portuguesa. Tudo isso acabou. Na casa das iscas está uma casa de máquinas. E nas casas onde ainda há iscas, nem já o garfo e a faca são prêsos à mesa, nem a conserva é já portuguesa, nem as iscas são saborosas. Por conserva, Pickles, e o pitoresco do mal cozinhado transformou-se em restaurante número tal da série nada pitoresca que a gente conhece.

Eu tenho pena, pois que o assunto me interessa. Possuo algumas dezenas de livros de cozinha, portugueses, espanhóis, franceses, brasileiros e suíços. Entre os portugueses, o de Domingos Rodrigues, em 1680 mestre de cozinha de sua magestade, na edição de 1741. E que saüdades de coisas que lá veem descritas: um *Carneyro en gigote*, uns *Pombos de D. Francisco*, umas *Perdizes de Miguel Dias*, um *Coelho de João Pires*, uma *vitela de caravonado*, um *antepate de descaídas* e dôces, mas disso não curo que não sou guloso. Pois valia pensar mais a sério nesta coisa da cozinha à portuguesa.

Albino Forjaz de Sampaio.

Vida Feminina

Um dos mais interessantes aspectos femininos tem sido, ùltimamente, a actividade política da mulher.

Nas últimas eleições inglesas a mulher foi, sem dúvida, um dos maiores agentes eleitorais. Discursos, viagens pela província, tôda a qualidade de réclame que a imensa fantasia feminina pode inventar foi usada pelas inglesas que à política se dedicam. Cais passeando pelas ruas da cidade o retrato dos candidatos, prêsos na coleira, na argola onde costumam usar o vistoso laço de fita com que a coquetterie das donas os enfeita. Cartazes conduzidos em procissão, tudo serviu para a galopinagem feminina.

Lady Marley fêz 1.800 quilómetros de automóvel na sua tournée eleitoral; Lady Sanderson, socialista ardente, fêz uma campanha feroz; Lady Falmouth, mãi de cinco filhos, foi uma das maiores auxiliares do partido conservador.

É interessante a actividade política da mulher inglesa, mas é para desejar que ela se não propague a todos os países, porque se as inglesas são tão ardentes políticas, o que as não impede, como Lady Falmouth, de serem excelentes mãis, o que não se dará com as meridionais, sempre tão exageradas nos seus entusiásmos? Eu tive uma amostra do que se virá a dar, em Madrid, quando da eleição de um deputado para as Constituintes.

As senhoras republicanas perderam a cabeça; verdade é que a sua exaltação fêz vencer a candidatura de Cóssio. Automóveis cheios de lindas raparigas percorreram as ruas de Madrid, numa gritaria doida, dando vivas à República e pedindo as mais avançadas leis, alguns dêsses pedidos destoando bastante em tão formosas bocas.

É êste o perigo da intervenção da mulher na política nos países em que tem tido pouca ou nenhuma liberdade, e que se não sabem manter no meio termo e são exageradíssimas as suas exigências.

Eu acho naturalíssimo que a mulher queira trabalhar, queira ter a sua independência económica. Acho muito justo que se interesse pela política, de que depende o bem estar do seu país, o seu futuro e o dos seus filhos; mas acho que o que é principalmente necessário é que a mulher seja sempre e acima de tudo mulher. A inglesa, pela sua maneira de ser, consegue ser política e ser espôsa e mãi. Entre nós não sei o que seria, e se o delírio político não atacaria demasiadamente os nervos femininos, levando a mulher a ocupar-se mais da política do que da sua casa, o que seria uma verdadeira desgraça.

Hoje em dia a mulher tem de ser culta. A mulher serva ou a boneca figurino de modas têm os seus dias contados. Mas o que é preciso que se mantenha sempre é a mulher dona de casa, a mulher mãi de família,

Vestido de «Georgette» e renda. Casaco em veludo branco, forrado de setim e guarnecido de raposa branca

para quem, acima de tudo, está o seu lar e aqueles que dela dependem, e dentro dêle a mulher pode ter um dos mais belos papéis que a sua inteligência e o seu orgulho podem ambicionar.

É preferível que a mulher seja na vida íntima e na social a auxiliar de seu marido, como o foi a mulher de Mac Donald, do que seja ela o político em eminência, sem um momento livre para dedicar ao bem estar dos seus e à felicidade do lar.

Se a actividade política afasta muitas vezes o homem dos interesses da sua família, o que não será quando a mulher ocupar na política um lugar proeminente e tenha de deixar a sua casa entregue a mercenárias. Não há trabalho mais útil para a sociedade e de mais equilíbrio do que aquele que a mulher pode fazer dentro da família. Está bem que haja mulheres na política, mas essas devem ser as mulheres livres, as que não possuem família própria entregue à sua responsabilidade.

E, sobretudo, o que é nocivo à sociedade é essa transição rápida da máxima sujeição à maior liberdade. A mulher é sempre um feixe de nervos, que estão sempre prontos para a levar ao excesso.

A mulher inglesa consegue ser política e mãi de família. A mulher meridional isso seria impossível, porque se entregaria apaixonadamente à política e esqueceria o resto, como agora quando é mãi de família só disso se ocupa, falando a todos nas graças dos filhinhos e nas suas doenças infantis. É preciso que a mulher saiba modernizar-se, mas sem exagerar, que se ocupe da casa e dos filhos, primeiro que tudo, e depois que se interesse pela vida intelectual e até pela política, se quiser, como o faz Lady Falmouth, agente eleitoral e excelente mãi de cinco filhos.

Maria de Eça

A moda

A moda, nossa soberana e senhora, de Paris, seu reino, dita as suas ordens, que em quáis todo o mundo são acatadas e respeitadas, como nenhuma outra lei o é no Universo. Há épocas em que a moda é monótona, uniforme ou mesmo desgraciosa, mas agora a moda está elegantíssima e favorável em extremo para a mulher que, conhecendo bem o seu feitio, saiba o que lhe fica bem e o que favorece o seu tipo. Há vestidos para altas, baixas, magras ou gordas, a questão é saber escolher. E há, sobretudo, na moda actual, a compreensão da hora em que cada *toilette* deve ser usada.

Temos os *tailleurs* clássicos e os *robes tailleurs* para de manhã, mantendo as sáias a linha direita ou quási; apenas rodadas algumas, por pregas batidas ou machos, curtas e práticas para andar. De uma grande

Vestido de veludo rubi, agasalho em «lamé», e raposa preta

PENTEADO PARA AS LOIRAS

simplicidade de guarnição, apenas enfeitadas pelas raposas, que cada vez se usam mais, são êstes vestidos de uma grande distinção para as saídas de manhã, para os campos e para viagens e passeios de automóvel. À tarde, usam-se os vestidos mais guarnecidos e mais compridos. O tecido de grande *chic* êste ano para essas *toilettes* é o veludo flexível e que molda admiràvelmente as formas de um corpo bem feito, fazendo sobressaír as curvas, que voltam a ser admiradas, tendo acabado o reinado da mulher angulosa e magra. As formas femininas triunfam de novo nos decretos da raínha Moda.

E a mulher francesa maravilha-nos pela sua rápida transformação, porque imediatamente da *silhouette aplatie* passou a ter ancas e seios.

Esta notícia alegrará as nossas compatriotas, que passavam torturas para conseguir a linha direita e para esconder as graciosas curvas dso corpos ibéricos.

Para a noite triunfam os vestidos francamente compridos, tocando no chão os vestidos de jantar e concêrto, e sendo de grande cauda e decotadíssimos os de baile. Para êstes vestidos continuam em voga os tules, as *georgettes*, a renda, o setim e o veludo. O veludo *chiffon*, tão leve e gracioso que se presta a tôdas as *drapés* e a tôdas as fantasias.

Os chapéus sofreram uma completa transformação; reapareceram nos chapéus de *toilette* guarnições, as plumas, as *aigrettes*, as *paradis*, e quem tinha conservado essas guarnições aproveita-as agora fazendo lindos chapéus.

Para as *toilettes* simples continua o feltro triunfante, mas sem a uniformidade dos últimos tempos. Há feitios para todos os rostos e adaptáveis a todos os penteados.

Desde o ligeiro tricórnio ao chapéu Luís XI; do chapéu à caçadora e à conhecida *cloche*, todos os chapéus se usam e todos têm um *tic* de elegância na maneira como são colocados, carregados sôbre a testa deixando a descoberto a nuca cheia de caracóis para os cabelos loiros ou brancos, ou em largas ondulações para os cabelos escuros.

UM PENTEADO MODERNO — PARA AS MORENAS

Mas a moda não decreta só sôbre as coisas mais importantes da *toilette*; os nadas que a acompanham têm uma grande influência.

Uma mulher verdadeiramente *chic*, com um vestido *tailleur*, só calça sapatos abotinados de sola forte e aspecto desportivo, reservando os sapatos de pelica, de camurça, de verniz, de cobra ou de crocodilo, para os vestidos de tarde. À noite, os sapatos que se usam são os de setim na côr da *toilette* ou, ainda, os *argenté* em pelica.

As meias também têm o seu grau de finura e a côr, segundo a hora.

As luvas para os *tailleurs* devem ser em *tanné* com aspecto masculino, para a tarde em pelica da côr do vestido ou preta com canhão guarnecido, e para a noite, a luva alta na côr do vestido ou preta, que dá ao vestido de noite uma grande nota de elegância.

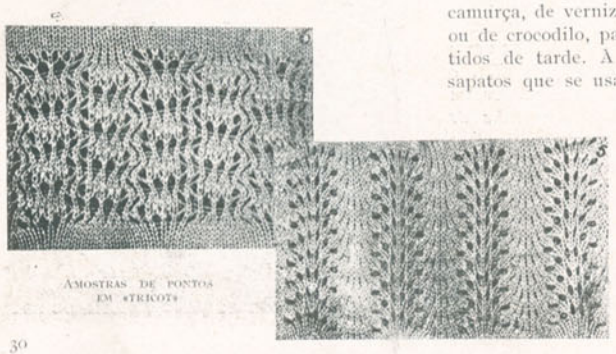
A carteira deve também ser de acôrdo com o género da *toilette*. As carteiras e sacos de couro usam-se com os vestidos simples, e para os vestidos de cerimónia continuam a ser *chics* as carteiras em pele de crocodilo ou de lagarto. Para a noite, as *trousses* de oiro ou as pequensa sacas perlés.

O penteado

É sempre para a mulher uma preocupação o penteado, e é bem explicável, porque é uma das suas mais belas ornamentações. Um lindo cabelo, penteado de forma a fazer sobressaír as formosas linhas de um belo rosto, é quási uma obra de arte.

Tudo está em saber adaptar o penteado ao tipo de quem o usa. A moda, depois da uniformidade das nucas rapadas à *garçonne*, dá-nos agora à escôlha uma grande variedade de penteados. Para as louras e para as cabeleiras brancas usam-se os cabelos mais compridos e penteados em caracóis ou num rôlo que rodeia a cabeça e vem fazer as pastas sôbre as faces. Para o cabelo escuro, continua-se a usar a ondulação larga e o cabelo mais curto.

Parecia êste verão que a cabelo comprido voltaria a ser moda, mas no último Congresso dos cabeleireiros, onde foi decretada a moda dos penteados, ficou assente que continuasse a sua triunfal carreira a moda do cabelo cortado. Algumas senhoras, que têm a preocupação de estar sempre na moda e de serem as primeiras a usá-la, choraram por não poderem obrigar, de um dia para o outro, os seus cabelos a crescerem, mas agora sossegarão de novo o seu espírito sabendo que a moda decretada pelos mais elegantes cabeleireiros do mundo é ainda o cabelo cortado. Não o cabelo à *garçonne*, que não favorecia, em absoluto, a



AMOSTRAS DE PONTOS EM «TRICOT»

«CHANDAILLES» E AMOSTRAS DE PONTOS EM «TRICOT» DA ÚLTIMA MODA

«NURSERY» INGLESA: O CHÁ DO BÈBÉ

mulher, tornando a sua cabeça confundível com qualquer cabeça masculina, mas sim essa preciosa cabeça à págem, leve e cómoda, e que pela facilidade do penteado e pela higiene tão bem se adapta à vida moderna em tôdas as suas manifestações.

O que foi absolutamente condenado no Congresso foi êsse penteado de cabelos até aos ombros que por aí se vê, que dá à mulher um aspecto desmazelado e muito anti-estético. Condenado em absoluto e por unanimidade, é de esperar que desapareça, não tendo sido na moda mais do que uma pouco duradoura fantasia, que em nada favorecia a mulher, dando-lhe apenas um aspecto de desmazêlo muito repugnante, porque a mulher, para ser verdadeiramente *chic*, deve ter o aspecto a que os franceses chamam *tirée à quatre épingles*.

Trabalhos femeninos

Na nossa vida de mulheres há horas de ócio que, aproveitadas num pequeno trabalho de mãos, são de uma grande utilidade, sobretudo nas longas noites de inverno, ao serão, quando a chuva fustiga as vidraças e a família está reünida em volta da mesa, é muito agradável enquanto se conversa ocupar as mãos num ligeiro trabalho.

O *tricot*, que não absorve a atenção, é muito recomendável para os serões e com êle podemos fazer elegantes *chandailles*, como as três de que hoje damos o modêlo e que dentro dos *tailleurs* são muito confortáveis, sendo também de grande utilidade nas tardes de verão nas praias. Acompanhamos os três modelos com cinco amostras de pontos rendados diferentes.

O ponto rendado e aberto é agora o que está mais em moda. Nas amostras que damos ,tôda a senhora que saiba fazer *tricot*, e qual é a senhora que ignora êsse trabalho? poderá tirar o ponto que se executa muito fàcilmente fazendo mates nos pontos que devem ficar em aberto.

Para fazer as *chandailles* convém primeiro cortar um molde em papel, da medida exacta do corpo e depois de escolher o ponto, executar a blusa seguindo sempre êsse molde. O uso do molde simplifica muito o trabalho, evitando o desenfiar as agulhas para tomar as medidas. As senhoras fortes devem escolher o ponto aberto que forma riscas ao alto, pois as riscas atravessadas engrossam muito o busto. As senhoras magras ao contrário, devem escolher as riscas atravessadas, pois só terão vantagem em parecer mais cheias. Êstes pontos podem ser executados em lã fina ou grossa, segundo se deseje que a *chandaille* seja de grande agasalho ou apenas um leve abrigo. As côres dependem também do gosto pessoal de quem as faz. No entanto, lembramos às nossas leitoras, que êstes trabalhos em malha, ficam sempre mais bonitos em côres claras e alegres e que se devem sempre harmonizar com a sáia ou com o vestido, com que devem ser usadas. Nada mais feio do que a desharmonia de côres numa *toilette*. Nada a salvará. Enquanto que a harmonia dos tons é sempre encantadora.

A PRINCESINHA ISABEL, FILHA DOS DUQUES DE YORK

Como criar e educar os nossos filhos — A «Nursery» inglesa

É um grande problema a estudar em Portugal a maneira d ecriar e ducar as crianças. A mãi portuguesa é uma das mais dedicadas que existem, mas no excesso do seu amor prejudica muitas vezes os filhos, pela maneira como os cria e os educa. O seu grande afecto faz-lhe ter o horror das doenças e de aí o agasalho excessivo das crianças, a alimentação exagerada e as doenças a aparecerem. Na sua ternura querem ter sempre a seu lado os filhos e de aí vem a razão porque as crianças não são bem educadas, demasiadamente precoces, porque criadas e educadas no meio dos adultos, ouvem conversas que não são para os seus ouvidos e discussões, que o seu intelecto não compreende, dando-lhe uma significação diferente e muitas vezes prejudicial.

Um dos países em que mais perfeita é a maneira de criar e educar as crianças é a Inglaterra. Por modesta que seja a vida de um casal, quando casa, já na habitação que vai ser o *home*, a instalação da família, há uma divisão dedicada a ser a *nursery*. Essa divisão é em geral uma das melhores da casa, exposta ao sol e higiénica. Aí vive a criança desde que nasce, fazendo uma verdadeira vida infantil e raramente se imiscuindo na vida dos adultos, tão enervante nos nossos dias. Ripolinada a branco ou a côr de rosa, os pequenos móveis também ripolinados a *Nursery* é sempre resplandescente de aceio e higiene.

Quando a família possui um certo bem-estar logo que a criança nasce é entregue à *nurse* que é em geral uma rapariga com a educação completa e os mais vastos conhecimentos de puericultura. Essa mulher vive sempre com a criança, tem o seu leito ao lado do berço e vigia as horas de mamar, prevenindo a mãi, se ela é que cria a criança, ou tratando ela mesmo do *biberon* quando é essa a alimentação da criança.

Conhecedora de tôdas as regras da higiene mantém sempre a criança numa atmosfera pura e arejada, agasalhada o necessário. Todos os dias a criança é banhada de manhã e à noite e todos os dias faz um passeio ao ar livre no inverno e no verão está o mais tempo possível num jardim, evitando assim a suspensão da vida social da mãi.

Mas dêste assunto nos ocuparemos mais detalhadamente nos próximos números.

De mulher para mulher

Tôdas as nossas leitoras encontrarão nesta secção o melhor acolhimento e às preguntas que nos forem dirigidas responderemos, o melhor que pudermos e soubermos.

E se os nossos conselhos forem de alguma utilidade será para nós uma satisfação porque nada mais agradável do que ser útil.

O BÈBÉ BRINCANDO NO JARDIM

A arte de bem guardar toda a rêde

A extraordinária e sempre crescente popularidade que o jôgo do *foot-ball* adquiriu entre todos os povos do mundo, e o eleva à categoria do mais eficaz agente de propaganda da ideia desportiva, deve atribuir-se às características de emoção e beleza que acompanham as peripécias da luta por seu intermédio travada em campo. São muito numerosas as modalidades de jogos ao ar livre praticados em tôda a parte durante os meses hibernais, cada um reünindo as simpatias de adeptos em quantidade, mas nenhum desporto entrou na alma popular como o *foot-ball*, que nos próprios apaixonados dos outros jogos exerce um poder de irresistível atracção, que os traz fielmente a presenciar e aplaudir as grandes manifestações da bola redonda.

Caberá aos psicólogos estudar e esclarecer as razões desta atracção universal, explicando qual o motivo porque o mesmo espectáculo seduz multidões ètnicamente dessemelhantes, de hábitos e educação social diferentes, de temperamentos opostos.

Invocarão alguns a clareza e simplicidade das suas regras, que tornam o jôgo assimilável a todos, mesmo aos tècnicamente não iniciados; dirão, talvez, que o *foot-ball* é apenas uma regulamentação hábil de um instinto nativamente humano, aquele instinto que impele a criança a pontapear tôda a bola que lhe cai ao alcance; haverá quem sustente que o *foot-ball* arrasta o entusiasmo popular porque nas suas evoluções transparece o reflexo da própria luta da vida, em alternativas de ofensiva e defesa, num conjunto de esfôrço muscular e de intervenção intelectual.

Seja qual fôr a verdadeira interpretação do caso, se é que a verdade não está num mixto das várias hipóteses formuladas, é inegável que o *foot-ball* atrai, aos terrenos onde é praticado, multidões frementes em que se igualam pelo calor do entusiasmo criaturas das mais diversas classes sociais. Entre estas, muitas são arrastadas por uma atracção estética, procurando nos episódios do jôgo, as atitudes, os gestos, a harmonia que constituem para o espírito amante da arte o mais precioso dos regalos espirituais.

O desporto, escola de movimento, é na moderna feição intelectual um inspirador de escol; na literatura, como na pintura, o desporto fornece aos artistas vastíssimo repertório e muitas são já as obras primas nascidas à sua sombra, sem que lhes possam empanar o brilho alguns mostrengos de cuja factura é também culpado, como o celebrado e ridículo Discobolo que a nossa Câmara Municipal adquiriu em tempos, talvez para o esconder das vistas públicas.

A feição caracterizadamente espectaculosa do *foot-ball*, fêz dêste jôgo uma das modalidades desportivas estèticamente mais fecundas e aquela que com maior freqüência é aproveitada pelos artistas como modêlo das suas obras.

Nas atitudes dos jogadores em campo, fugitivas e rápidas como relâmpagos, procura a retina fixar posições perfeitas, tão depressa grácis e flexuosas, como violentas e repassadas de energia. Quiseramos por vezes suspender a marcha do tempo para prolongar a visão que nos encanta e desaparece mal começáramos a admirá-la; a fotografia desportiva, especialização absolutamente caracterizada, fornece-nos êste poder sobrehumano de paralização do tempo e concede-nos a graça de rever os espectáculos de encantamento arquivados em nossa memória.

Dos onze homens que cada grupo alinha em campo para disputar um encontro de *foot-ball*, cada um dêles com suas funções definidas, o guarda-redes, último baluarte da defesa, é sem dúvida o mais fotogénico de todos ou pelo menos o mais freqüentemente fotografado. Sendo êle o único homem ao qual as regras do jôgo permitem o emprêgo das mãos, a variedade das suas atitudes atinge o máximo e, pela emotividade que sempre as acompanha, seduzem muito em especial a assistência apaixonada.

Passa muita vez despercebida a acção perfeita de qualquer jogador no meio do campo; mas se a bola é enviada às redes e o seu guardião a afasta ou segura num estilo onde transparece o classicismo das atitudes harmónicas, reboarão os aplausos em trovoada de entusiasmo, firmando a vibração acorde do sentimento popular.

Em Portugal, como em quási todos os países da Europa Continental, o guarda-redes é uma das figuras dominantes do grupo, se não a primeira; exige-se-lhe tudo, isto é, que defenda o possível e tente o im-

possível. Na sua missão, assim interpretada, entra uma emocionante parcela de perigo, que requere do homem, a mais dos dotes naturais de agilidade e decisão, uma soma considerável de valentia.

O guarda-redes, vendo aproximar-se dos seus domínios o avançado que transpôs já todos os restantes defensores e, no momento decisivo, se a frente, tro da bola sário, archoque a física, e a existên forma per vida o bidois e, meses, o nal escos son, víti rias de um audácia passa as dacoragem pontapé delança para ao encone do adverrisca no integridade mesmo até cia. Desta deram a francês Lehá poucos internaciosês Thommas inglóexcesso de que ultrafronteiras desportiva.

«Contre l'impossible, nul n'est tenu», dizem os franceses, e esta máxima deve ser imposta como uma lei severa ao zêlo dos guarda-redes que em todos os actos devem ter presente que praticam um desporto, portanto uma distracção que nunca pode justificar temeridades.

Os guarda-redes não precisam, de resto, para colhêr aplausos, entrar neste capítulo de loucura; a sua posição especial no grupo, a liberdade de acção que é vedada aos seus companheiros, fornecem-lhes nas circunstâncias variadíssimas que o decurso da partida proporciona, ocasiões freqüentes de exibirem seus dons de atletas privilegiados.

O posto de guarda das rêdes é efectivamente o de maior responsabilidade atlética, aquele que exige uma maior cultura física em busca de um equilíbrio de qualidades num indivíduo em que a forma só pode ser um complemento aperfeiçoador de uma classe indispensável: classe física e classe moral.

A qualquer jogador é lícito um momento de distracção sem que daí advenha para o grupo prejuízo grave; inversamente, o guarda-rêdes é forçado a concentrar, de início a final do jôgo, tôda a sua atenção no caprichoso viravoltear da bola, pois o mínimo deslise corresponde a um mal sem remédio. As mais perigosas situações devem encontrá-lo sempre calmo, senhor de si, cônscio da importância do seu papel, confiante no seu próprio valor.

Dentro do rectângulo cubiçado, portal branco aberto para a estrada da vitória, êle é senhor absoluto. Na sua frente, os avançados contrários procuram por tôda a forma violar-lhe os domínios, ludibriando-o, e o guarda-redes, felinamente ágil, tão depressa mergulha para o solo a captar a bola que velhacamente se pretende escapar por um canto, como se lança em largos vôos pelo espaço, a entravar os desígnios audaciosos de um projectil de alta trajectória.

Em todos os seus gestos há graça e há vigor; existe um ritmo harmonioso entre a marcha da bola e o movimento oponente do guarda-redes, corpos que o destino coloca frente a frente em intuitos contrastantes, o homem antepondo à fôrça material o dinamismo raciocinado dos seus músculos. Em cada gesto há uma finalidade, acção mecânica resultante imediata de uma determinante cerebral.

Reflexas fulminantes, antevisão do destino. Luta sem tréguas em que o homem se superhumaniza numa sublimação de tôdas as suas possibilidades físicas.

Nos anais do desporto há páginas em que os guarda-rêdes traçaram cânticos de epopeia; nas grandes partidas internacionais quanta vez o porteiro decide o triunfo. Há defesas que são rasgos de heroismo, há intervenções que são primores de oportunidade, umas e outras visões inolvidáveis de estética desportiva.

As fotografias que acompanham estas notas ligeiríssimas, e constituem sua única razão de ser, formam, num esquemático agrupamento comprovativo, uma súmula das infinitamente variadas maneiras de exercer a arte de bem defender umas rêdes.

São instantâneos flagrantes dos melhores especialistas portugueses, aqueles a quem cabe grossa parcela nos louros colhidos pelo *foot-ball* lusitano; em todos êles há movimento, harmonia de posições, beleza estética ou perfeição de atitudes. São escassos exemplos escolhidos de entre mil. Apresento-os para aqueles que o desporto não cativou ainda e o consideram como uma manifestação bruta de fôrça indisciplinada e violência sem ritmo. Acês, pobres cegos na sua incompreensão vomendo a luntária, recoroma e visão polícampo vivaz de um em tarde desportivo de pugna notável, a análise meticulosa do espectáculo exibido e a certeza a colher, — alheados preconceitos — de que o *foot-ball* é fonte de arte e de encantamento, jôgo viril que não exclui em seus episódios a graça, a vivacidade e a inteligência.

J. Salazar Carreira.

Uma linda festa no Lisboa Gimnasio Club

Aspecto do animado baile que, para fecho da festa com que o Lisboa Gimnásio Club solenizou o seu 13.º aniversário, foi efectuado, em 7 do corrente, nos seus salões

EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO VINHO DO PORTO

Um dos mais interessantes «stands»: o da casa Barros, Almeida & C.ª, de Vila Nova de Gaia

A cerimónia inaugural, no Salão «Silva Pôrto»

Constituiu um êxito de notável relêvo a Exposição Histórica do Vinho do Pôrto, evocadora de tôda a obra viti-vinícola portuguesa. O trabalho da Comissão Executiva, constituída pelos srs. Alberto Silva, comendador Antero Pacheco da Silva Moreira, professor Emanuel Ribeiro, arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira e dr. Pedro Vitorino, é daqueles que merecem registo e louvor. A fama do nosso excelso vinho sairá, certamente, aumentada dêste certame. E dessa homenagem a um dos produtos nacionais que mais contribuem para a riqueza do país, a êste caberão os melhores, os mais avultados frutos.

(Fotos Platão Mendes)

FIM DE FESTA

NO TEATRO

Uma senhora observa a *toilette* de uma dama... suspeita, que se pavoneia num camarote fronteiro ao seu; e em seguida diz em voz alta:

— Aquele vestido custou, pelo menos, oitocentos escudos, com certeza!

— Novecentos! — exclama involuntàriamente o marido.

O filho (7 anos): — Porque é que se costuma dizer que o tempo é dinheiro, mamã?

A mãe: — Por se gastar muito depressa, meu filho.

Ela: — Gosta de mim tanto como diz?

Êle: — Que pregunta!...

Ela: — Que resposta!...

Depois de fazer alguns zigue-zagues muito pronunciados no passeio que ia seguindo, um sujeito bastante embriagado prepara-se para atravessar a rua. Parece, porém, mostrar-se desassossegado e hesitante com a ida e vinda dos automóveis que não deixam de passar. Junto dêle pára um indivíduo de ar grave e venerável, trajando apropriadamente, e que tendo dó do ébrio, lhe dá o braço, ajudando-o a atravessar a rua.

Comovido até ao fundo da alma, o pobre diabo volta-se para o seu bemfeitor, e estendendo-lhe a mão diz-lhe:

— Obrigado! Vê-se que sabe por experiência própria o que é estar embriagado!

Uma solteirona: — Quanto tempo julga o senhor que um homem deve estudar uma mulher antes de casar com ela?

Um solteirão: — Tôda a vida.

Entre amigos que se encontram:

— Sabes que estive quási a partir para o Brasil?

— Não acredito.

— A minha partida esteve mesmo por um cabelo...

— Castanho ou loiro?...

Êle: — Não tenho dúvida em admitir que eu não tinha razão.

Ela: — Espero que faças mais ainda: admitir que era eu quem a tinha.

Bébé toma um gelado.

— É bom? — pregunta-lhe a mãi.

— É — responde Bébé — é bom; mas gostava que fôsse quente.

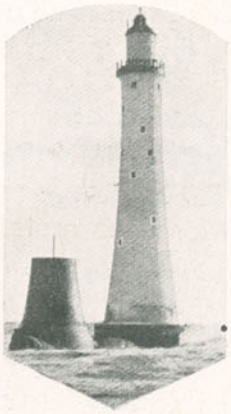
A AMPULHETA DA MODA

A PRIMEIRA AMIGA *(encontrando outra na rua):* — AH! JÁ DE VESTIDO COMPRIDO! NÃO FAZIA IDEIA NENHUMA QUE FÔSSE TÃO TARDE...

(Do «Punch»)

QUAL FOI A ORIGEM DOS FARÓIS?

O precursor dos faróis, tais como os conhecemos, foi uma grande tôrre, construída na ilha de Pharos, na baía de Alexandria, há mais de dois mil anos. Era uma das Sete Maravilhas do Mundo.



A sua luz provinha de enormes lumes, que se viam à distância de quarenta milhas pelo mar fora.

Entre saloios:

— Ó vizinho, queria abrir um poço lá na minha horta; mas ando a matutar numa cousa: É onde hei de deitar a terra que tenho de tirar dêle?

— Ó vizinho! Que dificuldade tem isso? Vocemecê mande abrir outro poço e deite-lhe a terra dentro!

Um médico chega com atraso a casa de um seu colega que o esperava para jantar.

— Não posso mais! — exclama, limpando o suor. — Os meus doentes dão cabo de mim.

— Meu amigo, é a pena de talião.

O Carlitos acaba de ser castigado pela mãi, por ter mentido.

— Na tua idade, disse-lhe esta, eu não mentia nunca!

— Então, em que idade principiou a mamã?

Eis a penúltima figura em evidência, das seis com que a «Ilustração» compôs êste jôgo de prendas. Que têm os leitores a fazer para virem jogar connosco e assim se habilitarem às diversas e tentadoras prendas que lhes destinamos, a primeira das quais é constituída por um exemplar do encantador romance de Júlio Deniz, «As pupilas do Senhor Reitor», encadernado luxuosamente e enriquecido com a reprodução, em tricromias, de formosos trabalhos do mestre aguarelista Roque Gameiro? Simplesmente, isto: após a publicação dos seis retratos, enviarem-nos as suas respostas, dentro de um envelope dirigido à nossa Redacção, respostas essas que nos revelem os nomes das figuras e o motivo por que cada uma delas foi para a berlinda. Desde que acertem e dêem razões de certo modo espirituosas, engraçadas, poderão os nossos leitores ganhar aquele ou qualquer dos outros prémios que estabelecemos para o efeito.

Nada há mais fácil, pois. Venham jogar connosco, leitores:

Quem está na berlinda?

Porque está na berlinda?

Visado pela Comissão de Censura

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colonias	—	63$00	126$00
(Registada)	—	67$50	135$00
Brasil	—	66$00	132$00
(Registada)	—	75$00	150$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	84$00	168$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

QUAL O ASSINANTE DA

ILUSTRAÇÃO

QUE VAI FICAR MILIONARIO?

11.339 (BILHETE INTEIRO)

LINDO NÚMERO

É êste lindo número da lotaria do próximo Natal que a ILUSTRAÇÃO destinou aos seus novos assinantes ou aos antigos que renovarem as suas assinaturas até 15 de Dezembro próximo

A LOTARIA DO NATAL DE 1931

Tem os seguintes principais prémios

1 de 6.000 contos — 1 de 600 contos

QUALQUER DESTES PRÉMIOS, **QUEM SABE SE O MAIOR,**
PODERÁ PERTENCER AO **n.º 11.339**

QUEM SABE?
E SE FÔR ESSE O NÚMERO FELIZ?

Pensem bem os leitores da **ILUSTRAÇÃO** no seu desespero se não se habilitarem e a **bola feliz** ser mesmo a daquele lindo número!

A SORTE TEM CAPRICHOS!

E o que é preciso fazer? Apenas assinar por 6 mezes, pelo menos, a mais bela, a mais luxuosa, a mais categorisada publicação ilustrada de Portugal a

ILUSTRAÇÃO

de que são colaboradores os mais notaveis escritores portugueses

Para dar direito ao prémio que pertencer ao número do nosso bilhete **11.339 (que lindo número que êle é)** é preciso que o assinante tenha o número igual aos três algarismos finais do número contemplado **com o 2.º prémio.**

EXEMPLO

Supunhamos que o número contemplado com o **2.º prémio** é o número 5.035. Nêste caso caberá ao assinante n.º 035 o prémio que pertencer ao **nosso 11.339.** Se porém a êste nosso número couber o prémio grande de **6.000 CONTOS** o assinante receberá **apenas 2.000 contos** sendo os restantes **4.000 contos** divididos metade pelas duas aproximações e o restante pelas seguintes 18 aproximações, as nove anteriores e 9 posteriores. **Só nêste caso é que o prémio é dividido.** Se fôr qualquer outro **prémio pertencerá por inteiro ao assinante feliz.**

Esclarecendo uma excepção

Como acima se explica, para dar direito ao prémio que pertença ao **n.º 11 339** regulam os três algarismos finais do número premiado com o 2.º prémio. Estabelece-se apenas uma excepção para a hipótese de ao nosso número, **(ao nosso lindo número 11.339)** pertencer o 2.º prémio da loteria porque neste caso, **e só neste,** regulará o número contemplado com o primeiro prémio para a designação dos três algarismos finais do número do recibo de assinatura premiado.

E porque é necessaria esta variante?

Porque se assim não fosse o assinante que tivesse o n.º 339 (e todos reclamariam êste número) levaria a vantagem fácil de compreender.

Conclusão evidente:

Assina-se a ILUSTRAÇÃO levando-se para casa a boa leitura, sempre moral, um repositório variadíssimo de assuntos que a todos interessa, album precioso de magníficas gravuras, admiravel revista verdadeiramente nacional, aonde colaboram os mais ilustres escritores portugueses e... **ainda**

QUEM SABE? — a independencia, a fortuna — QUEM SABE?

Para assinaturas: LIVRARIA BERTRAND, L.DA

A DANSA MODERNA
e a elegancia dos seus gestos

As mulheres são a coisa mais paradoxal da vida! Perdem horas ao espêlho, estudando a graça dum sorriso, dão massagens para emmagrecer e apagar qualquer imperfeição fí-

sica; exigem da modista milagres de elegância e de bom gôsto — e obedecem, cegamente, a tôdas as doidices que a dansa lhes impõe, sem perderem um segundo a preocupar-se com a beleza das suas atitudes! É ou não um paradoxo?

Exigem, muitas vezes, que o marido adopte esta ou aquela côr de roupa, esta ou aquela gravata, e aceitam, como pár para o *charleston* ou para o *black-bottom*, as figuras mais caricatas. Porquê? Porque a dansa cause nelas o que o ópio produz nos viciados? É muito possível. O *charleston* e o *black-bottom* têm uma vida, uma alegria e uma alacridade pouco vulgares; mas são, na minha opinião, coisas só para o palco. Josefina Baker, *black-bottomando* nas *Folies Bergères*, não pode comparar-se à dama respeitável que a imita nos salões. Porque, enquanto Josefina Baker baila núa, com uma cintura de plumas, com uns gritos guturais e umas expressões de animal selvagem, a dama de sociedade é obrigada a parodiá-la com um vestido de sêda justo, uns sapatos à Luís XV ou à Carlos IX e um cavalheiro de *smoking*... Além disso, Madame faz o possível por conservar a expressão linda que é apanágio da sua pessoa, enquanto a graciosa Josefina faz o possível por se aproximar dos macacos... Sendo pouco, aparentemente, é um abismo que se cava entre ambas... Depois, os bailarinos de salão arranjaram um *black-bottom* tão conselheiral, tão pouco *black-bottom*, que era mais inteligente voltarem aos tempos castos da valsa ou da mazurka. Porque o verdadeiro *black-bottom* não consiste apenas, em atirar as pernas como dois compassos e bater os joelhos como duas matracas. É mais alguma coisa que não pode ser praticada num salão e que nasceu para as luzes da ribalta. Se o *charleston* e o *black-bottom* de Josephina Baker, em Paris, e o de Lídia Campos, no Brasil, são dansas graciosas e cheias de vida, os dansarinos de salão são coisas detestáveis. Imaginem o *black-bottom* de Ricardo Nemanoff dansado com um vestido da moda e um jaquetão habitual... É a figura que os bailarinos imitadores fazem nas salas onde exibem as suas habilidades e demonstram o mau gôsto das suas preferências. Como, porém, as palavras são levadas pelo vento, ilustram esta crónica alguns belos *clichés* apanhados pelo lápis espirituoso artista americano. Neles se encontram as figuras interessantes que estamos habituados a admirar nos salões. Desde o par elegante, proporcionado, até ao cavalheiro pequenino, bojudo como um Buda, a todos êles o artista soube representar com espírito. E digam as pessoas de bom gôsto: Pode-se admitir esta dansa como a preferida dos elegantes e dos modernos? As mulheres, que tanto prezam a beleza do seu corpo e a graça das suas atitudes, não receiam ver-se ridicularizadas aos olhos dos que assistem às suas contorsões?

Mas, então, para que perdem tantas horas no *boudoir*, aperfeiçoando e aumentando o que a natureza lhes concedeu, e para que obrigam as modistas a criar *toilettes* novas e futilidades inéditas, se tudo isso fica ofuscado pelo desarticulamento dos seus membros?

Ah, como são paradoxais as pequeninas bonecas de carne e ôsso! Lembro-me de ter visto na Itália umas bonecas de pano, muito elegantes e bem vestidas, mas que, ao tocar-se-lhes em certo parafuso, ficavam com o trajo em farrapos. Pois bem: as bonequitas italianas lembram um pouco as mulheres modernas; vestem-se a primor, estudam mil atitudes diferentes e graciosas e, por fim, à ardência dum *black* desenfreado, ficam estapafúrdias como as congéneres de pano!

É talvez por esta afinidade entre as bonecas de pano e as bonecas de carne que os homens — eternas crianças grandes! — procuram fazer delas o seu brinquedo... E, quási sempre, brincam tanto com elas, fazem-lhes tantas tropelias, que acabam por partir-lhes o maquinismo que é, nas bonecas de carne, o coração. E quem sabe se não é por se reconhecerem bonecas nas mãos travêssas dos homens que as mulheres procuram novos *black-bottoms*, novos *charlestons* para, à semelhança dos

fantoches, divertirem e darem alegria aos meninos-homens? E, talvez por isso também, os homens lançam fora as bonecas que já lhes não agradam...

Beatriz Delgado.

Está doente com Sezões?

Experimente o

FEBRICIL

Se tem amôr á vida, tome-o

Medicamento contra as Febres Palustres. — Não contem quinino. — Todos o podem tomar sem receio. — Tonico. — Reconstituinte. — Aperitivo.

Á venda nas principais Farmacias e Drogarias

Centos de testemunhos insuspeitos á disposição dos interessados que os queiram examinar

NA

COMPANHIA COMERCIAL DE QUIMICA INDUSTRIAL

Rua do Carmo, 15, 1.º — LISBOA

Telefone: 2 4380 — Telegramas: FEBRICIL — LISBOA

Excelente para convalescentes

Alimentos sàdios e adequados é o mais necessario para as pessoas que estão recompondo-se de uma enfermidade qualquer. E' o melhor meio que tem o convalescente para recuperar a sua força e a sua energia.

A Maizena Duryea deve ser parte importante na dieta dos convalescentes — crianças e adultos. E' nutritiva, fortalece e fortifica. E' deliciosa! Ha muitas especies de sopas, molhos e doces que realçam mais quando são preparados com Maizena Duryea.

Permita-nos enviar-lhe um exemplar do nosso livro de receitas contra o «coupon» abaixo preenchido.

MAIZENA DURYEA

GRATIS

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L.DA — Rua dos Sapateiros, 115, 2.º — LISBOA

Queira enviar-me um exemplar, gratis, do seu livro de cozinha.

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

Depois das Compras

subsiste talvez uma leve sensação de cançaso, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.

CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

Pelo ilustre professor J. R. Cristino da Silva

UM VOLUME DE 710 PAGINAS COM 641 GRAVURAS, ENCADERNADO EM PERCALINA — ESCUDOS 30$00

Pedidos à Livraria BERTRAND — Rua Garrett, 77

L I S B O A

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

Verdadeira Encidopedia da Vida Prática

COLECÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das bôas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Está à venda o

ALMANACH BERTRAND

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa. — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopedia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 paginas, cartonado 10$00
Encadernado luxuosamente. . . . . 18$00

33.º Ano — 1932

Á venda em todas as livrarias

Pedidos à Livraria BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saír brevemente o XXXII tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura. (pagamento adiantado)	30$00	59$00	118$00
	REGISTADO		
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34$50	67$00	132$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36$00	79$00	138$00
ESTRANGEIRO	37$00	72$00	142$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . 10$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Sciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Sciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Sciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Sciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Sciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil.*
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Sciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Sciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Sciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Sciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Sciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Sciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Sciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Sciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Sciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Sciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Sciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 × 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS, ÓTIMO PAPEL COUCHÉ, MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... ... ... 10$00

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Sciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.

2 — **À RODA DA LUA**, 1 vol.

3 — **A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.

AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.

7 — **AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.

8 — **VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas.* 1 vol.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar.* 1 vol.

A ILHA MISTERIOSA:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

MIGUEL STROGOFF:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O PAÍS DAS PELES:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.

22 — **AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.

HEITOR SERVADAC:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O DOUTOR OX**, 1 vol.

UM HERÓI DE QUINZE ANOS:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.

29 — **OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.

30 — **ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.

A CASA A VAPOR:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A JANGADA:

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.

42 — **O RAIO VERDE**, 1 vol.

KÉRABAN, O CABEÇUDO:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A ESTRÊLA DO SUL**, 1 vol.

46 — **OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.

MATIAS SANDORFF:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O NÁUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.

51 — **O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.

52 — **ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.

NORTE CONTRA SUL:

53 — 1.ª parte — *O ódio de Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça!* 1 vol.

55 — **O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.

DOIS ANOS DE FÉRIAS:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

FAMÍLIA SEM NOME:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Joan.* 1 vol.

60 — **FORA DOS EIXOS**, 1 vol.

CÉSAR CASCABEL:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente.* 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* 1 vol.

A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:

63 — 1.ª parte — *A procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.

66 — **EM FRENTE DA BANDEIRA**

A ILHA DE HÉLICE:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.

A ESFINGE DOS GÊLOS:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.

O SOBERBO ORENOCO:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.

76 — **OS NÁUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.

77 — **OS NÁUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.

78 — **A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.

79 — **O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

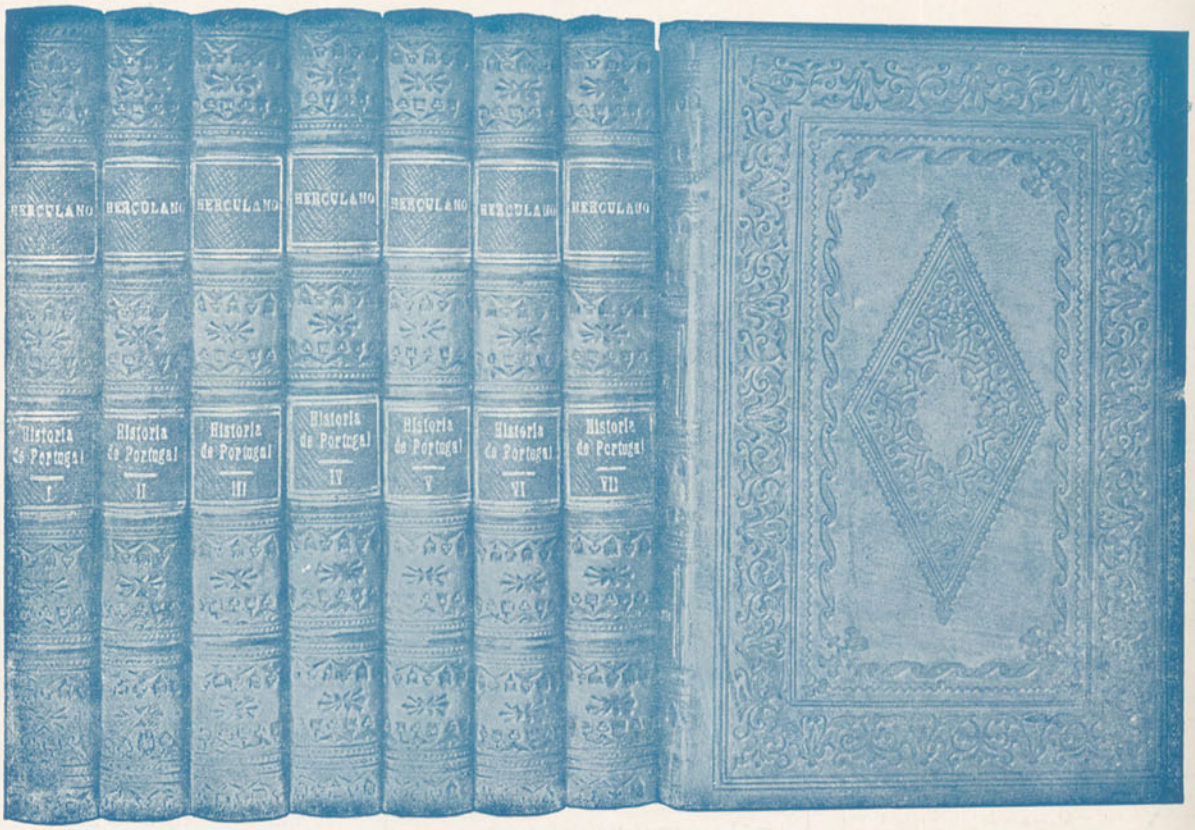
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12×18, impresso em esplêndido papel

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS — incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume e brochura. . . . . Esc. 12$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . Esc. 16$00

Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado . . Esc. 27$00

COLONIAS PORTUGUESAS — Pagamento adeantado — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA